



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

ANA CAROLINE RODRIGUES DE SOUSA

**SERTÃO, NATUREZA E CULTURA:
O MUSEU DE CIÊNCIAS NATURAIS DA FUNDAÇÃO BRASIL
CENTRAL – BRASÍLIA, 1966 -1967**

BRASÍLIA

2019



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

ANA CAROLINE RODRIGUES DE SOUSA

**SERTÃO, NATUREZA E CULTURA:
O MUSEU DE CIÊNCIAS NATURAIS DA FUNDAÇÃO BRASIL
CENTRAL - BRASÍLIA, 1966 -1967**

Monografia apresentada ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília para a obtenção dos graus de licenciada e bacharel em História, sob a orientação do Prof. Dr. Kelerson Semerene Costa.

BRASÍLIA

2019

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**SERTÃO, NATUREZA E CULTURA:
O MUSEU DE CIÊNCIAS NATURAIS DA FUNDAÇÃO BRASIL
CENTRAL – BRASÍLIA, 1966 -1967**

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Kelerson Semerene Costa (Orientador UnB)

Prof. Dr. José Luiz de Andrade Franco (UnB)

Prof. Dr. Deusdedith Alves Rocha Júnior (UniCEUB)

Data da defesa: 15/07/2019

BRASÍLIA

2019

DEDICATÓRIA

Á minha amada “Core”, mãe solo, instruída pela vida, mulher forte, minha maior inspiração e exemplo de luta – Noeme Rodrigues de Sousa.

AGRADECIMENTO

Toda a minha gratidão ao professor Kelerson, por toda a sua disposição e compreensão em aceitar ser o meu orientador desde o dia em que falamos a respeito, por sua paciência, por ter me ajudado devido às dificuldades que enfrentei para chegar até aqui, pela suas pertinentes críticas e sugestões, por seus ensinamentos valiosos, pela humanidade e empatia, este trabalho não teria sido possível sem a sua orientação.

Agradeço ao meu querido e amado irmão Daniel Rodrigues, exemplo de indivíduo íntegro e honrado, não há palavras para expressar o quanto sou grata por tê-lo em minha vida como incentivador e apoio. Obrigada por tanto amor e por não medir esforços para que eu esteja bem.

Todo o meu agradecimento à minha mãe guerreira Noeme Rodrigues por ter me proporcionado, apesar de todas as dificuldades, condições dignas de vida e por ter me incentivado tão cedo a conhecer e imergir nos livros de história. Sou imensamente grata por tudo que fez e faz por mim, por me ensinar sobre respeito, amor, empatia, coragem e ternura. Seguimos juntas, sempre.

Aos meus amigos Filipe Vieira, Jefferson Falcão, Larissa Messias e Polyana Mascarenhas, criadores de uma rede apoio e afeto para mim nos caminhos de escuridão que cruzei, cada um de acordo com as suas possibilidades, para que eu me sentisse amparada e amada. Em especial, à minha amora Bárbara Jorge, por toda a parceria nos últimos anos, por acreditar em mim e me mostrar que a vida é maravilhosa também por ter nos agraciado com o nosso encontro de irmãs de alma. Amo vocês demais, é nós por nós.

RESUMO

O presente trabalho tem como finalidade apresentar um capítulo ainda não revelado na história da atual capital do país: o Museu de Ciências Naturais da Fundação Brasil Central em Brasília, inaugurado em 1966. Durante o seu curto período de atividades, desempenhou a disseminação de conhecimentos sobre a história e os aspectos naturais e culturais do Brasil Central e Centro-Oeste brasileiro por meio de seu acervo diverso e atividades realizadas. Por tratar-se de um espaço que resultou das ações realizadas pelo Estado décadas antes no sertão brasileiro, é necessário fazer um recuo e considerar os ideais e os projetos de modernização do país que predominaram entre as décadas de 1930 e 1960 do século passado, os quais possibilitaram o desbravamento, a ocupação e o desenvolvimento do sertão que, designou durante séculos da nossa história, inúmeras regiões do Brasil afastadas do litoral.

Palavras-chaves: Brasília, Fundação Brasil Central, sertão, museu, natureza, cultura.

ABSTRACT

The present work has the objective to present a chapter still unrevealed in the current history of the capital of the country: the Natural Sciences Museum of the Foundation Central Brazil in Brasília, inaugurated in 1966. Throughout its short period in activity, it has developed the dissemination of knowledge about history and the natural and cultural aspects of Central Brazil and Brazilian Midwest through its diverse collection and performed activities. For being a space that resulted from actions made by the State decades before in the Brazilian backwoods, it is necessary to go back in time and consider the ideals and modernization projects of the country, which predominated between the decades of 1930 and 1960 of the past century, which made possible the clearing, occupation and development of the backwoods, that designated, during centuries of our history, uncountable regions of Brazil that were remote from the coast.

Key-words: Brasília, Foundation Central Brazil, backwoods, museum, nature, culture.

Lista de Abreviaturas e siglas

ANB Arquivo Nacional em Brasília

CME Coordenação de Mobilização Econômica

FBC Fundação Brasil Central

ERX Expedição Roncador-Xingu

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

SPI Serviço de Proteção aos Índios

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
Capítulo 1 – A conquista do sertão: um breve relato acerca das iniciativas estatais no Brasil Central na Era Vargas	12
1.1 A Marcha para o Oeste	15
1.2 Expedição Roncador-Xingu	17
1.3 A Fundação Brasil Central	22
Capítulo 02 – O Brasil Central na sociedade: o Museu de Ciências Naturais da Fundação Brasil Central em Brasília	26
2.1 O Museu e a Cidade	34
2.2 O museu e a cooperação com outras instituições	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS - O fim do Museu de Ciências Naturais e a extinção da Fundação Brasil Central	39
FONTES E REFERÊNCIAS	43
ANEXOS	45

INTRODUÇÃO

Esta monografia pretende revelar um capítulo ainda não contado da atual capital do país, inaugurada em 1960 no Planalto Central: Brasília. Cresci e vivo no Distrito Federal e considero esta região – negligenciada e rejeitada por séculos da nossa história – também conhecida como sertão, o meu lar. Em 1966, dois anos após o golpe que instaurou a ditadura militar no Brasil, foi inaugurado o Museu de Ciências Naturais da Fundação Brasil Central, o anunciador da história e dos aspectos naturais e culturais do Brasil Central para a população que residia na cidade.

Durante o seu curto tempo de existência, entre 1966 e 1967, o Museu exibiu, por meio do seu acervo, a riqueza encontrada na natureza e, através dos seus artefatos etnográficos, expressões das tradições folclóricas e culturais da região. Portanto, o objetivo geral deste trabalho é colaborar para a história da cidade e, por tratar-se de um espaço que resultou de ações realizadas pelo Estado décadas antes no sertão brasileiro, creio que o Museu merece ter a sua história ilustrada, pois também possibilitou para a sociedade o acesso a novos conhecimentos sobre a região, por séculos considerada como terras vazias e selvagens.

Para compreender a existência do Museu em Brasília é necessário considerar os ideais e os projetos de modernização do país que predominaram entre as décadas de 1930 e 1960 do século passado, os quais possibilitaram o desbravamento e a ocupação do sertão. Os ideais de modernidade, progresso e desenvolvimento para que o país fosse reconhecido como uma nação detentora dos seus próprios recursos e território foram cruciais para as transformações ocorridas no sertão brasileiro no decorrer do século passado. O território do sertão, terras consideradas como praticamente intocadas e desconhecidas, necessitava de operações em larga escala que deveriam ser chefiadas e controladas pelo Estado para que fosse incorporado à nação como um espaço conhecido e civilizado, característica até então restrita quase que exclusivamente ao litoral. Esta monografia está dividida em dois capítulos e busca apresentar o Museu da Fundação Brasil Central como resultado de um conjunto de atividades realizadas e controladas pelo Estado no sertão, as quais produziram transformações surpreendentes nos espaços demarcados e percorridos a partir da década de 1940. Essas atividades impactaram também a região onde Brasília está localizada e onde o Museu desempenhou papel de

propagador dos mais diversos conhecimentos acerca do Brasil Central para a sociedade que vivia no Distrito Federal no período.

O primeiro capítulo mostrará um breve relato sobre as iniciativas iniciadas durante o governo Vargas por meio do programa Marcha para o Oeste e, especialmente, a Expedição Roncador-Xingu, a qual inaugurou um período de mudanças na ocupação do território nacional. Essas iniciativas foram conduzidas pela Fundação Brasil Central, instituição que também encarregou-se da criação do Museu, o qual reunia diversos trabalhos científicos de expedições realizadas no território brasileiro sob a direção da FBC.

O segundo capítulo apresentará a história do Museu de Ciências Naturais da FBC e as suas configurações enquanto espaço de exposição e centro de estudos e pesquisas sobre os temas relacionados à natureza e à cultura do Centro-Oeste. Também será mostrada a presença do Museu na cidade e os meios de atuação e comunicação empregados para atrair a população a se relacionar com a natureza e a história do Brasil Central por meio do vasto acervo que o compunha, entre os quais se destaca o programa de TV produzido pela Fundação para a divulgação dos assuntos relacionados às expedições e ao cotidiano do Museu, bem como as atividades executadas no local. Por fim, apontarei o desfecho de sua participação na cidade, o destino do acervo e as contribuições realizadas pelo Museu para o desenvolvimento cultural da região.

Para a elaboração e desenvolvimento deste trabalho, foi usado um conjunto de fontes institucionais do Fundo da Fundação Brasil Central que se encontra na Coordenação Regional do Arquivo Nacional no Distrito Federal. Foram usados, ainda, periódicos como, por exemplo, o Correio Braziliense, que ilustraram e informaram acerca do Museu de Ciências Naturais criado em Brasília, considerado na década de 60 o museu concebido mais rapidamente em todo o mundo.

Capítulo 01 – A conquista do sertão: um breve relato acerca das iniciativas estatais no Brasil Central¹ na Era Vargas

Durante o século XX, o Brasil como nação e sociedade passou por grandes transformações no que concerne ao seu desenvolvimento e identidade. O período foi caracterizado pela defesa de vários ideais a serem conquistados para que o país pudesse ser reconhecido como uma nação próspera e vigorosa. Dentre eles, destaca-se a busca pela modernidade em inúmeros âmbitos, tais como: econômico, cultural, territorial, científico, social, dentre outros. Além disso, a construção de uma identidade em comum que fosse assimilada pela sociedade em geral, propiciaria a afirmação do Brasil como nação vigorosa, tendo em vista que uma nação forte possui em si uma identidade particular compartilhada por todo o corpo social que a integra. Ademais, a

A construção de uma nação é um processo permanente e inconclusivo, durante o qual seus integrantes, ou melhor, sua população vai aprendendo a se reconhecer com características próprias, que não só a distinguem de outras nações, como a identificam para si mesma. Tal processo é, sem dúvida, fruto de complexas operações socioculturais, que ocorrem em um tempo longo e mobilizam inúmeros e diferenciados atores históricos, sejam indivíduos ou grupos, em torno de diversos projetos políticos [...]. (GOMES, 2013, p. 41).

Iniciativas estatais acerca da exploração e ocupação do território foram adotadas em busca do desenvolvimento do país antes mesmo da década de 1930. Segundo João Marcelo Maia,

Ao contrário do que se costuma supor, a Revolução de 1930 não foi um momento inaugural nessa relação. Há um conjunto de investimentos estatais e burocráticos feitos sobre o território brasileiro que precedem a chegada de Getúlio Vargas [...], a chave mais próxima para o entendimento das transformações produzidas ao longo do Estado Novo talvez esteja nessas primeiras iniciativas relacionadas à questão agrícola, ao controle do território e ao governo estatal moderno dos indígenas. (MAIA, 2012, p. 34-35).

Não obstante, foi no Estado Novo – regime autoritário liderado por Getúlio Vargas – que tais convicções foram perseguidas com mais afinco por meio de ações do Estado que visava desenvolver e modernizar o país, inclusive, no que concerne ao desbravamento do sertão – também conhecido como Interior – brasileiro, sua ocupação

¹ O Brasil Central caracterizou-se como uma extensa área do território brasileiro, com mais de um milhão de quilômetros quadrados, “compreendido entre o rio Araguaia e seus afluentes de esquerda, a leste, o Tapajós com seus formadores a oeste, os chapadões mato-grossenses ao sul, e uma linha correspondente aproximada ao paralelo (latitude sul), que corta aqueles rios na altura dos seus grandes encachoeirados.” (VILLAS BÔAS, 2012, p. 52).

e o controle do território nacional. A historiadora Janaína Amado elucida que “entre 1870 e 1940, ‘sertão’ chegou a constituir categoria absolutamente essencial (mesmo quando rejeitada) em todas as construções historiográficas que tinham como tema básico a nação brasileira.” (AMADO, 1995, p. 146).

O termo sertão conduz em si múltiplos significados, tendo em vista que, durante o século XIX e parte do século XX, sertão continuou a designar grandes áreas do território de norte a sul do Brasil. Todavia, como parte da nação, foi visto e tido como uma herança territorial inexplorada, dotada de riquezas e possibilidades na construção e desenvolvimento de uma nação moderna e forte, detentora do controle de suas terras e fronteiras. Ademais, constituía-se como um espaço de representação das tradições nacionais e da cultura brasileira, segundo a historiadora Lylia Galetti (2012).

Além disto, em grande parte das interpretações o sertão foi entendido como “terras sem fé, lei ou rei”, afastadas do litoral, de natureza quase intocada e indômita, povoadas por indígenas “bravos e selvagens” e pouco conhecidas pelo Estado, detentor do controle irrisório de terras tão vastas no território brasileiro. Para os ideólogos do Estado, modernizar o Brasil naquele momento era vital para a trajetória brasileira rumo ao desenvolvimento e legitimidade como nação; portanto, a exploração e ocupação do sertão seriam necessárias para garantir o progresso em torno do projeto de construção nacional idealizado por Vargas, o sertão finalmente passaria a obter os benefícios da modernidade, até então restritos ao litoral.

Adquirir o domínio do território brasileiro era primordial para o progresso do Brasil no período histórico em questão, um dos principais anseios do governo de Vargas seria a consolidação do poder estatal por meio do desbravamento em larga escala do sertão e da expansão da fronteira interna do país, atividades estas que careciam ser executadas por instituições do Estado. Os objetivos ambicionados consistiam em: abertura de estradas, criação de cidades a partir do povoamento em larga escala, ações comerciais, exploração dos recursos naturais, dentre outros. Em suma:

Modernizar o Brasil era, em síntese, conquistar o seu território e organizar o seu povo, entendendo que tais “missões” implicavam um trabalho simultâneo, no espaço e no tempo, pois a integração do território significava fazer avançar o povo em séculos, retirando-o de um passado verdadeiramente colonial, para lançá-lo no

futuro do mundo urbano-industrial, que se apresentava como o presente, isto é, como um projeto factível e viável. (GOMES, 2013, p.43).

Ademais, elucida-se que,

Quando o termo fronteira começa a ser manipulado para designar a expansão da sociedade nacional e a integração territorial, ele adquire [...] uma dimensão simbólica que ultrapassa o aspecto concreto e localizado do fenômeno, passando a ser utilizado em sua dimensão ideológica, como se essas áreas do sertão pudessem oferecer ao país inteiro novas perspectivas de crescimento econômico. (LEONARDI, 2016, p. 118-119).

Apesar das inúmeras análises negativas a respeito do sertão e suas especificidades, outras consideravam como genuinamente brasileiras as manifestações que o integravam no que diz respeito à cultura e à identidade da nação, isentas dos padrões, dogmas e influências eurocêntricas. Logo, o sertão configura-se como “uma referência importante nos investimentos simbólicos que seriam realizados tendo em vista a construção de nação e de nacionalidade brasileiras, que significava, entre outras coisas, construir uma distinção cultural.” (GALETTI, 2012, p. 221). Desta maneira, o sertão caracteriza-se como representação da *brasilidade*², a qual contribui de maneira relevante para o ideal de pertencimento e unidade do projeto de integração nacional em curso na Era Vargas. Ademais, o sertão até aquele momento – negligenciado e pouco desenvolvido – apresentou-se como uma fonte de riquezas materiais e também de novos saberes acerca da identidade nacional brasileira, visto que o sertão “foi local, também, onde nasceu uma grande parte da cultura brasileira, em suas diferentes expressões regionais e locais.” (LEONARDI, 2016, p. 327).

Sendo assim, o desbravamento do sertão, a sua exploração e o povoamento a serem realizados nas vastas áreas territoriais distantes do litoral elevariam a nação brasileira ao status de moderna e desenvolvida, por meio de iniciativas de grandes proporções iniciadas pelo governo varguista. Para um melhor entendimento acerca de tal processo histórico e os seus desdobramentos, serão apresentadas a seguir medidas fundamentais adotadas e controladas pelo Estado no que concerne ao desenvolvimento do país por meio do desbravamento e exploração do sertão brasileiro.

² Brasilidade caracteriza-se como um conceito acerca das particularidades brasileiras, incluindo a cultura, os indivíduos e a natureza do nosso país.

1.1 A Marcha para o Oeste

A respeito do processo modernizador em curso para alavancar o desenvolvimento do país através do desbravamento e exploração do sertão no Brasil Central, em 1943 a maior parte dos habitantes viviam na faixa litorânea do país em virtude do crescimento acelerado da população. Foi por meio da criação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 1938, que foi possível através de diretrizes científicas, realizarem levantamentos estatísticos mais precisos acerca dos problemas a serem solucionados para a efetivação da modernização e integração de todo o território brasileiro: “o IBGE buscava também produzir estratégias que reorganizassem o equilíbrio territorial do país, redesenhando regiões e reacendendo de forma decisiva os debates sobre a interiorização.” (MAIA, 2012, p. 44).

Foi a partir dos eventos desencadeados pela Segunda Guerra que os ideais e mudanças a serem aplicados pelo Estado em busca do fortalecimento, proteção e expansão da nação brasileira receberam a importância necessária. Desta forma, “as razões que justificavam a penetração nos sertões do Brasil Central eram principalmente de natureza geopolítica, e a ideologia que cimentava as suas ações era um apaixonado nacionalismo.” (VILLAS BÔAS, 2012, p. 18). Ademais, “a mudança expressava a exigência natural de uma sociedade em franca explosão demográfica” (VILLAS BÔAS, 2012, p.33). A iniciativa essencial para que a interiorização e ocupação do sertão pudessem tornar-se reais foi Marcha para o Oeste. Concebido por Getúlio Vargas, o programa governamental Marcha para o Oeste foi a iniciativa pioneira do Estado no século XX, a fim de exercer um papel mais eficaz no que concerne ao desbravamento, exploração e ocupação de territórios tomados como “vazios” no sertão do Brasil Central, Centro-Oeste brasileiro e parte da Amazônia. Contudo,

O discurso da Marcha para o Oeste foi apenas o registro simbólico mais conhecido de um processo que incluiu projetos de reorganização dos limites regionais, criação de novas agências para regular a imigração e povoamento e intensificação das experiências com colônias agrícolas. (MAIA, 2012, p. 40).

Naquele momento, a Amazônia era um mundo remoto e o Brasil Central parecia “mais distante que a África [...] nascia, assim, em plena guerra, um impulso expansionista, alentado pelo próprio Estado.” (VILLAS BÔAS, 2012, p. 34). O programa Marcha para o Oeste consistiu em uma série de ações promovidas pelo Estado

e ligadas à Coordenação de Mobilização Econômica, classificada como um grande ministério, tendo sido criada “no ano de 1942, [...] órgão responsável pelo controle da economia brasileira em tempo de guerra, com poder para fixar preços, checar estoques e regular de forma geral o fluxo mercantil” (MAIA, 2012, p. 63). Além disso, foi por meio de expedições inicialmente chefiadas e controladas pelo governo varguista que o programa promoveu o desbravamento do sertão brasileiro a partir da década de 40. As metas estabelecidas a serem cumpridas consistiam em

Instalar campos de pouso e bases militares, abrir caminhos e picadas, construir pontes. Além da função de desbravamento do interior, a meta era estabelecer bases de apoio radiotelegráficas e campos de pouso que permitissem a integração das redes de comunicação nacionais, ameaçadas por grandes vazios demográficos. (VILLAS BÔAS, 2012, p. 18).

A respeito da estrutura adotada para que a Marcha cumprisse o seu papel desbravador em favor do processo histórico em andamento a fim de “civilizar” e modernizar o sertão do Brasil Central, destaca-se a criação de dois elementos notáveis para o sucesso do programa:

O primeiro, a Expedição Roncador-Xingu (ERX), com a atribuição específica de entrar em contato com os “brancos” das nossas cartas geográficas [...] e a Fundação Brasil Central (FBC), com a função definida de implantar núcleos populacionais nos pontos ideais marcados pela Expedição. O primeiro órgão era, assim, a vanguarda do segundo. (VILLAS BÔAS, 2012, p. 34).

As duas entidades ficaram sob a responsabilidade da Coordenação de Mobilização Econômica, dirigida pelo ministro João Alberto Lins de Barros:

Ficaria a seu cargo, além da estruturação das duas entidades recém-criadas, providenciar os estatutos, estipular as dotações necessárias, instalar sedes, ajustar gente e tudo mais que fosse indispensável para o funcionamento de ambas. Havia ainda a recomendação taxativa para que fosse cauteloso nos gastos, de forma a não pesarem no erário. Tanto assim que sua excelência sugeriu uma campanha de doações. (VILLAS BÔAS, 2012, p. 34).

Pode-se afirmar a vital importância e cooperação mútua de ambas para o êxito da Marcha, a Expedição Roncador-Xingu e a Fundação Brasil Central, cada uma com as suas atribuições e especificidades, que serão pontuadas mais adiante. Todavia, é relevante ressaltar desde já que a expedição foi criada pelo governo federal como uma ação de campo para a exploração de uma área específica no território brasileiro e, posteriormente, a FBC foi concebida como uma instituição com a finalidade de coordenar as atuações do Estado acerca do desbravamento e ocupação do Brasil Central.

A respeito da campanha de doações para angariar os recursos necessários para a consumação da Marcha para o Oeste, destaca-se São Paulo como o cenário ideal para a adesão ao movimento modernizador idealizado por Vargas. O ministro João Alberto Lins de Barros³ visitou a capital em companhia do tenente-coronel Flaviano de Mattos Vanique⁴, convidado e designado por Getúlio Vargas para assumir a chefia da Expedição Roncador-Xingu. Ambos foram bem recebidos, tendo arrecadado doações de importância para a Marcha, tais como: o transporte de insumos para a Expedição através das companhias de estrada de ferro Paulista e Mogiana; noventa mil litros de álcool-motor doados por Sinhá Junqueira; dois mil metros de lona doados pela São Paulo Alpargatas; uma bandeira brasileira bordada a ouro por mulheres paulistas; incontáveis litros de bebidas alcoólicas doados pela Cia. Antarctica e trinta mil galões de *corned-beef* cedidos pela Armour e a Swift, de acordo com os relatos de Orlando e Cláudio Villas Bôas⁵.

Assim sendo, pode-se afirmar que o programa varguista Marcha para o Oeste inaugurou um momento histórico de grande relevância para as transformações no território nacional a partir dos projetos de desenvolvimento e modernização do governo. Para entender como foi possível pôr em prática tal programa e alcançar o seu êxito, é indispensável abordar a epopéia que impactou e transformou a realidade do Brasil Central, a Expedição Roncador-Xingu.

1.2 Expedição Roncador-Xingu

³ João Alberto Lins de Barros foi um militar e político brasileiro, atuou de maneira relevante no movimento tenentista. Esteve no front do golpe do Estado Novo, tendo sido um homem que detinha a confiança de Getúlio Vargas. Durante a sua vida como figura pública, desempenhou atividades a serviço do Estado por décadas, ocupou cargos de prestígio nos dois governos liderados por Vargas. Dentre eles, foi ministro da Coordenação de Mobilização Econômica em 1942. No ano seguinte, foi nomeado por Vargas como o primeiro presidente da Fundação Brasil Central.

⁴ Coronel, foi chefe na Guarda Pessoal de Getúlio Vargas e com a criação do Programa Marcha para o Oeste, trabalhou juntamente com João Alberto Lins de Barros como chefe da Expedição Roncador-Xingu e ocupou o cargo até 1947.

⁵ Os irmãos paulistas Orlando, Claudio e Leonardo Villas Bôas ingressaram na Expedição como trabalhadores comuns, após omitirem suas formações. Dedicaram as suas vidas e ações à questão indígena e desbravamento do sertão brasileiro, foram reconhecidos como chefes na ERX e foram essenciais para a criação do Parque Indígena do Xingu em 1961. Leonardo faleceu no mesmo ano. Cláudio e Orlando ainda desbravaram o sertão até 1978. A epopeia da Expedição Roncador -Xingu é ricamente descrita na obra de Orlando e Claudio – A Marcha para o Oeste.

Por meio da Portaria nº 77, em 03 de junho de 1943, a Expedição Roncador-Xingu foi instituída no governo Vargas. Seu trajeto pelo Brasil Central já estava definido no ato de sua fundação através da portaria redigida pela Coordenação de Mobilização Econômica – presidida naquele momento por João Alberto Lins de Barros – quando

No dia 7 de agosto de 1943, 50 homens partiram da cidade de São Paulo pela estrada de ferro Mogiana em direção a Uberlândia, então conhecida como “boca do sertão”. Munidos de doações de combustível, bebidas e sapatos, esses homens deixaram a capital paulista sob as bênçãos das elites locais, em ambiente festivo e patriótico. A partir de Uberlândia, essa expedição, que contava com uma vanguarda de 23 homens. Seguiu para o interior de Goiás e Mato Grosso com a missão de desbravar áreas tidas como inexploradas e selvagens. (MAIA, 2012, p. 14).

A expedição não foi a única no desbravamento do sertão nas primeiras décadas do século XX, no Brasil. Todavia, foi uma das mais notáveis na época. O corpo trabalhador era composto, em sua maioria, por ex-garimpeiros, posseiros, sertanejos, dentre outros. Acerca dos três irmãos Villas Bôas, só conseguiram ingressar na expedição após omitirem as suas formações, apresentaram-se como trabalhadores locais no interior de Goiás, tendo sido atores históricos notáveis durante os anos da expedição até assumirem a liderança da mesma devido aos conhecimentos que detinham e pela humanidade em lidar com a questão e contato com os povos indígenas.

Os princípios que organizaram a expedição argumentavam e viam como essencial para o desenvolvimento da nação “a necessidade de criar vias de comunicação com o Amazonas através do interior; a necessidade de explorar e povoar o maciço central do Brasil na cabeceira do rio Xingu em Mato Grosso, considerada “uma das mais desconhecidas da terra; e realizar o programa Marcha para o Oeste”. (MAIA, 2012, p. 64). Além disso, as metas a serem cumpridas na jornada consistiam em:

Partir de Leopoldina, no Estado de Goiás, para Santarém, na direção noroeste; procurar o ponto mais favorável sobre o Rio das Mortes e fundar um estabelecimento de colonização, em seguida, galgar a serra do Roncador e fundar num ponto conveniente um núcleo de colonização para o prosseguimento da expedição, preparar um campo de aviação e iniciar trabalhos agrícolas e de construção [...] fundado esse núcleo, um segundo pelotão partiria de Leopoldina e melhoraria o caminho desbravado, fixando 200 famílias por ano. (MAIA, 2012, p. 63).

Contudo, embora o ponto de partida da expedição originalmente previsto fosse Leopoldina, ele foi transferido para Barra Goiana (atual Aragarças), na confluência do

rio Garças com o Araguaia, mudança que João Marcelo Maia, em trabalho já citado, atribui à vontade de João Alberto Lins de Barros. A comitiva alcançou Barra Goiana após doze dias desde a saída da capital paulista. Ademais, a expedição foi estruturada pelo coronel Flaviano Mattos Vanique que, tendo desempenhado a chefia da Guarda Pessoal do presidente Getúlio Vargas, tornou-se, depois, o comandante da expedição.

Como foi dito anteriormente, havia uma preocupação por parte do governo brasileiro em resguardar o seu território e fortalecer as instituições de poder do Estado também no interior. Desse modo, pelos resultados esperados, a expedição garantiria mais segurança para a nação, tendo sido considerada de interesse militar em setembro de 1943.

Os assuntos relacionados à proteção, respeito à alteridade e pacificação indígenas não eram pautas nas metas estabelecidas para a expedição Roncador-Xingu, tais temas ganharam mais relevância e atenção pela sociedade por meio de notícias publicadas acerca dos projetos e ações desenvolvidos no Brasil Central pelos órgãos do governo, como a revista Oeste. Foi a partir de tais desdobramentos que os irmãos Villas Bôas foram tornando-se figuras públicas devido ao trabalho que desempenhavam com os indígenas, e após a saída de Vanique do cargo de chefia em 1947, Orlando assumiu o comando. Além disso,

Após a decisão do Conselho da FBC em 1948, a ERX seria partida em duas: uma orientada para a serra do Cachimbo, chefiada por Orlando Villas Bôas, e outra cujo destino era o Alto Tapajós, na localidade de Coleteria (PA), comandada pelo engenheiro Frederico Hoepken [...] o grande objetivo, nesse momento, era a construção da rota aérea Rio-Manaus. [...] ao final de 1949, a ERX já teria construído os seguintes campos de pouso: Caiapônia, Aragarças, Matrinchã, Garapu, Kuluene, Xavantina, Jacaré, Iauarum, Teles Pires, Cachimbo e General Dutra. (MAIA, 2012, p.179).

Apesar de não ser prioridade no programa de atividades da Marcha para o Oeste e da Expedição Roncador-Xingu, há de se considerar ações realizadas pela Expedição voltadas ao estudo da natureza e de sua diversidade. Muito antes do lançamento da Marcha para o Oeste, a natureza brasileira era um dos temas debatidos pelas elites intelectuais no Brasil. Por exemplo, a partir de 1920, de caráter nacionalista, “houve um grupo razoavelmente organizado, constituído em sua maioria por cientistas, intelectuais e funcionários públicos” (FRANCO e DRUMMOND, 2009, p. 25) que defendiam por

meio do nacionalismo e cientificismo práticas de pesquisa que visavam conhecer mais profundamente a riqueza dos biomas brasileiros, bem como preservá-los e usá-los de maneira consciente. A defesa da proteção e preservação da natureza realizada pelo grupo estava diretamente relacionada à questão da identidade nacional, como argumentam José Luiz Franco e José Augusto Drummond.

Não obstante, durante a Expedição Roncador-Xingu, o governo realizou pesquisas acerca da natureza do sertão, bem como dos recursos naturais da Amazônia. Ao escrever sobre as pesquisas de naturalistas europeus no Brasil imperial, Karen Macknow Lisboa afirma que

As descobertas de novas espécies e matérias-primas não serviam meramente como contribuição para a montagem de museus, a instalação de jardins botânicos e a ampliação de sociedades e academias científicas, [...] mas também implicavam um significativo retorno econômico e prestígio político. (LISBOA, 2000, p.268).

Em certa medida, essa afirmação também se aplica à pesquisa na Expedição Roncador-Xingu. A região desbravada, bem como a natureza descoberta na Expedição, despertou o “interesse do governo brasileiro nos recursos naturais da região, em especial na possível existência de pedras preciosas e demais minerais.” (MAIA, 2012, p. 65). Além disso, aponto a possibilidade de que, por meio das pesquisas científicas realizadas no Brasil Central, as expressões da natureza do sertão tenham contribuído de forma relevante para a construção das representações da identidade nacional idealizada no período Vargas, visto que as manifestações específicas do mundo natural integram-se às assimilações de pertencimento por parte da sociedade num ideal comum de identidade e unidade nacionais.

No campo das pesquisas, destaca-se o trabalho realizado por Helmut Sick⁶ (1910-1991), ornitólogo e naturalista alemão apaixonado pela natureza brasileira, sobretudo, pelas aves. Desempenhou a partir de 1946, na Expedição, inúmeras pesquisas científicas, inclusive a partir da descoberta de novas espécies da fauna brasileira, especialmente do Mato Grosso. Por meio de suas pesquisas científicas, foi possível disseminar, inclusive em diversos países, novos saberes acerca da diversidade na natureza encontrada no Brasil. Além da ERX, realizou trabalhos no país por quase cinco

⁶ Acerca das vivências e atividades desenvolvidas por Sick no Brasil Central, recomenda-se a leitura da obra *Tukani – Entre os animais e os índios do Brasil Central*, de sua autoria.

décadas, vinculado ao Museu Nacional, e a importância de suas obras é reconhecida internacionalmente. Sick compartilhou inúmeros conhecimentos com o seu auxiliar nos trabalhos e pesquisas que desempenhava no Brasil Central, José Hidasi⁷, que aprendeu o ofício de taxidermista⁸ com excelência e, décadas depois, uma grande parte dos serviços por ele prestados no Brasil Central seria exposta para a sociedade nos primeiros anos de vida da atual capital brasileira, Brasília.

Juntamente com os irmãos Villas Bôas, o naturalista alemão – naturalizado brasileiro em 1952 – conviveu de forma pacífica com inúmeras etnias indígenas existentes nos territórios atravessados no interior durante a ERX. Além disso, ressalta-se o trabalho realizado pelo médico e sanitarista Noel Nutels⁹, tendo assistido indígenas e sertanistas doentes, inúmeros deles dotados de “tenacidade em lutar e sobreviver em áreas tão hostis e sem o menor amparo público.” (VILLAS BÔAS, 2012, p. 48).

Em razão dos desdobramentos ocorridos na Expedição em relação ao contato com os povos indígenas e a preservação de sua cultura e território, “a criação oficial do Parque Indígena do Xingu em 1961 representaria o desfecho principal da ERX” (MAIA, 2012, p. 181), tendo sido administrado como uma reserva indígena em parceria com o SPI. O Parque é um dos mais importantes símbolos de trabalhos já realizados no Brasil com o objetivo de garantir a existência dos povos indígenas e o respeito à sua cultura. A Expedição encerrou-se oficialmente em 1967.

⁷ Natural da Hungria, estudou Letras e Ciências na França e desde criança demonstrou interesse pela fauna e flora. Chegou ao Brasil em 1950 com o objetivo de caçar e desbravar as terras brasileiras, conheceu Helmut Sick que o convidou para trabalhar como seu assistente, devido a excelência de seu trabalho foi assistente de Helmut na FBC durante anos. Dedicou a sua vida aos estudos da natureza, auxiliou na criação de 14 museus pelo Brasil, tendo inclusive fundado o seu próprio museu de animais taxidermizados em Goiânia, onde viveu por décadas. Faleceu em 2018 e uma parte do seu acervo foi doado para a PUC em Goiânia e o museu permanece fechado. Para mais detalhes acerca da sua vida e trabalho, recomenda-se a leitura da dissertação intitulada “José Hidasi e os naturalistas no “coração bárbaro” do Brasil”, defendida para a obtenção do grau de mestre em 2005 na Pontifícia Universidade Católica de Goiás, da autora Rosângela Terezinha Perotti.

⁸ A taxidermia consiste em um antigo processo de técnicas precisas de empalhamento de animais para exibição e estudo. A pele dos animais é aproveitada e por meio do trabalho realizado, as características morfológicas são mantidas.

⁹ Noel Nutels nasceu na Ucrânia, mudou-se para o Brasil com os pais ainda menino. Médico e sanitarista, foi o responsável pela criação e direção do Serviço de Unidades Sanitárias Aéreas (SUSA), o qual possibilitou acesso à saúde para a população por todo o território nacional, inclusive, em países vizinhos. Desempenhou as funções de médico e sanitarista no Serviço de Proteção ao Índio (SPI) a partir de 1931 e foi o médico da Expedição Roncador-Xingu, deu assistência médica para os trabalhadores, moradores sertanejos e povos indígenas. Sua produção acadêmica é vasta e publicada no Brasil e exterior. Lecionou na Universidade de Brasília (UnB) e em inúmeras universidades brasileiras e estrangeiras.

Os objetivos alcançados pela Expedição foram surpreendentes e de grande impacto no sertão, “surgiram 42 vilas e cidades, que na década de 1990 reuniriam mais de um milhão de habitantes, em tal percurso os expedicionários tiveram contato com dezoito povos indígenas.” (PACHECO, 2012. p. 18). Como foi possível alcançar tais resultados? É preciso elucidar brevemente a entidade que organizou e geriu as atividades desenvolvidas na ERX, a Fundação Brasil Central.

1.3 A Fundação Brasil Central

No dia 04 de outubro de 1943 – por meio do Decreto nº 5.878 – foi instituída a Fundação Brasil Central (FBC), “destinada a desbravar e colonizar as zonas compreendidas nos altos rios Araguaia, Xingu, no Brasil Central e Ocidental”. O papel a ser desempenhado pela entidade era gerir os espaços demarcados e percorridos pelos trabalhadores na Expedição Roncador-Xingu. Apesar de ter sido criada e exercer as suas atribuições como uma instituição pública – subordinada à presidência da República – seu caráter jurídico era privado, o que possibilitou expressiva autonomia em suas atuações no Brasil Central, tendo em vista que atuou através tanto de recursos públicos como de doações particulares.

De acordo com o Decreto de sua criação, a chefia da entidade ficaria a cargo de um presidente assistido por um Conselho Diretor composto por dez sujeitos, sendo todos escolhidos por Getúlio Vargas. Para o cargo de presidente foi nomeado João Alberto de Lins Barros, até aquele momento ministro da Coordenação de Mobilização Econômica (CME), homem que detinha a confiança de Vargas, tendo o apoiado no front do governo varguista, ocupou o cargo máximo da Fundação Brasil Central até o início de 1947.

Além de tudo, a frente desbravadora do programa varguista – a Expedição Roncador-Xingu – estava sujeita à entidade e suas atividades limitadas devido à hierarquia imposta pelo governo, incluindo os seus bens, que foram incorporados à FBC, como assinala o decreto de criação do órgão. A respeito da importância da Fundação Brasil Central no longo processo de modernização e da efetividade das iniciativas empreendidas na sua área de atuação, há de se reconhecer que

A longevidade dessa agência (1943-67) e a extensão de suas atribuições e de sua área de atuação fizeram com que estivesse envolvida em diversos capítulos do processo de afirmação da autoridade central no Brasil [...] populações indígenas, trabalhadores rurais, migrações, colonização agrícola dirigida, conflitos no campo e desenvolvimento do aparelho estatal são alguns dos temas.” (MAIA, 2012, p. 20-21).

É certo que ações realizadas em virtude do desbravamento do sertão existiram na Primeira República, porém foi no Estado Novo que as ambições de modernizar e “colonizar” as terras do Brasil Central firmaram-se por meio da inauguração do programa Marcha para o Oeste, a partir do qual se ampliaram os investimentos estatais na região. A FBC está diretamente ligada a esse processo e em diversas situações atuou com poderes superiores aos de outros órgãos do governo varguista.

A estrutura e as atribuições da Fundação Brasil Central atingiram diversos âmbitos de atuação e a instituição gozava de privilégios semelhantes no que diz respeito a outras concebidas e controladas pelo Estado. Nota-se, também, a imprecisão das iniciativas executadas pela FBC pelo espaço da nação, considerando que “o instrumento de delimitação do território é o próprio movimento do Estado pela área [...] trata-se de uma indefinição que permite à FBC praticamente inventar a região à medida que a percorre.” (MAIA, 2012, p. 155). O trabalho realizado pela entidade foi além do Brasil Central. Um dos propósitos consistia em integrar a Amazônia ao resto do território nacional, a abertura de estradas seria fundamental para tal intento, as quais ocorreram a partir de 1957, como a construção da rodovia Belém-Brasília, e as demais com maior vigor durante a década de 70.

As atividades desenvolvidas pela entidade no Brasil Central foram de grande impacto no processo de formação moderna em curso a partir da Marcha para o Oeste. Através do planejamento e gestão dirigidos pela FBC, o espaço da nação demarcado no sertão por meio da Expedição Roncador-Xingu apresentou resultados concretos no que diz respeito ao desenvolvimento do Brasil Central, os quais auxiliaram nas atuações da entidade nos territórios desbravados através da construção de cidades, abertura de estradas, bases de pouso, contato com povos indígenas até então isolados, administração de ferrovias durante as décadas em que desempenhou as suas atividades acerca da modernização do sertão brasileiro.

A responsabilidade da Fundação Brasil Central constituía-se em materializar e “dar continuidade a esse plano, plantando cidades pelos sertões, como são exemplos os núcleos de Xavantina e Aragarças, esse último absolutamente estratégico por sua posição geográfica no encontro dos rios Araguaia e Garças.” (GOMES, 2013, p. 73). Ademais, a cidade de Aragarças serviu como

A base efetiva da Fundação Brasil Central, com todos os serviços burocráticos já instalados e tratando de construir um hospital, uma igreja, uma escola, um espaçoso hotel e, prioritário, o aeroporto, que se chamaria Salgado Filho e seria o primeiro de outros construídos no Brasil Central e entregues à Aeronáutica como bases de escala e segurança de voo na ligação Rio-Manaus. (VILLAS BÔAS, 2012, p. 47).

A cada espaço territorial percorrido pela Expedição, novas descobertas eram notadas e exploradas pelos integrantes que abriam caminhos pelo interior. É pertinente apontar que a Fundação Brasil Central contou com o auxílio do Serviço de Proteção aos Índios (SPI) nos espaços territoriais atravessados habitados por tribos indígenas, muitas das quais sem nunca terem tido contato até aquele momento com agentes históricos inseridos na “civilização”. A missão do SPI era poupar tais áreas “por conta do esforço de guerra e da busca por matérias-primas. Além disso, [...] as terras indígenas deveriam ser alvo de iniciativas colonizadoras no pós-guerra, que levassem ao estabelecimento da ‘civilização’ na região.” (MAIA, 2012, p.77).

É conhecido que a questão indígena em nossa história é marcada por injustiças e desrespeito à alteridade, as teias e engrenagens que alimentaram a relação do Estado com os indígenas brasileiros ao longo da história do país foram dotadas de violência e ausência de empatia e humanidade. Na maioria dos casos, o Estado manteve-se omissivo até mesmo por questões econômicas e disputas de terras. Por tratar-se de um tema vasto, não pretendo apontar os desdobramentos de toda essa história e alongar-me em tais questões, não é a proposta deste trabalho. Todavia, em 1955 a Fundação adotou condutas opostas no que refere ao plano de criação do Parque Nacional do Xingu, fruto da Expedição realizada no sertão do Brasil Central. Para mais, “em 1961, a FBC, consultada pelo presidente Jânio Quadros antes da instituição do Parque Nacional do Xingu, manifestou-se sugerindo uma área dez vezes menor do que a projetada.” (MAIA, 2012, p. 25).

Além de todas as áreas de atuação aqui comentadas, há um capítulo da FBC que ainda não foi contado e merece um espaço na memória da saga empreendida no Brasil Central, aliás, como resultado das ações da entidade na Expedição Roncador-Xingu: a criação do Museu de História Natural da Fundação Brasil Central, instalado em 1966, na nova e moderna capital erguida no Planalto Central, inaugurada em 1960. E é a respeito da criação, atividades, cotidiano e especificidades do museu da FBC em Brasília que dedicarei o próximo capítulo.

Capítulo 02 – O Brasil Central na sociedade: o Museu de Ciências Naturais¹⁰ da Fundação Brasil Central em Brasília

A Fundação Brasil Central atravessou diversos governos entre os anos finais do Estado Novo e os anos iniciais da Ditadura Militar, passando por todo o período de redemocratização (1946-1964). A ideia genérica de povoar e desenvolver o Brasil Central esteve sempre presente, mas a primeira gestão da FBC depois do golpe militar de março de 1964 procurou dar ênfase às atividades de desbravamento e exploração do território que marcaram os primeiros tempos da instituição, com a Expedição Roncador-Xingu, e que, segundo o novo presidente, expressavam a verdadeira vocação da Fundação. Assim, foi lançada a Expedição Xavantina-Cachimbo¹¹, que teria a missão de construir uma estrada entre esses dois pontos no estado do Mato Grosso.

Ao mesmo tempo, outro projeto foi criado e executado pela entidade nos primeiros anos de Brasília: o Museu de Ciências Naturais da Fundação Brasil Central, em 1966, que deveria reunir o resultado científico das diversas expedições de desbravamento realizadas pela Fundação Brasil Central no território brasileiro com a finalidade de explorar terras praticamente até então intocadas, interpretadas em larga escala e tidas como misteriosas, selvagens e vazias. De valor histórico e, até o momento, quase desconhecido, o Museu concebido pela FBC requer que a sua memória seja resgatada e a sua história revelada, pois contribuiu de maneira pertinente como anunciador das características do Brasil Central em Brasília, da natureza à cultura em suas expressões no curto período de sua existência.

A história do Museu da FBC em Brasília teve início no ano que antecedeu à sua inauguração, por meio de uma carta endereçada ao presidente da entidade naquele momento – Aloysio Lontra Netto – em 07 de julho de 1965. O documento, cuja autoria foi de Hélio de Macedo Medeiros – diretor do Centro de Educação Média, também conhecido como Elefante Branco foi criado em 1960, tendo sido o primeiro colégio de Ensino Médio público em Brasília e figurou como referência de ensino de qualidade,

¹⁰ Destina-se aos estudos científicos das características gerais e essências da natureza, assim como as suas manifestações e leis naturais.

¹¹ Foi uma expedição inaugurada pela FBC com a finalidade de demarcar e construir uma rodovia entre duas localidades, situadas em Mato Grosso e no Pará. Foram necessários cinco anos para atingirem o posto de Cachimbo, no Pará, após terem percorrido 800 quilômetros de mata virgem.

bem como um espaço de ampla aprendizagem devido às atividades desenvolvidas durante a década de 60 – sinaliza o primeiro contato entre as instituições, o qual acarretou, depois de alguns meses, a cooperação entre ambas para a efetivação do Museu. De acordo com o diretor,

Sendo de nosso conhecimento, por intermédio do prof. Máximo Villar, a existência de um acervo numeroso de animais empalhados que existem nessa Fundação, que é de grande interesse para as nossas aulas de História Natural, solicitamos de V.Sa. a cessão dos mesmos e o estudo de uma futura doação para este Centro de Ensino Médio “Elefante Branco”. (ANB, FBC, Caixa 10, Museu, Carta nº 4688, 07/07/1965).

O interesse revelado pelo diretor para que exemplares de animais taxidermizados fossem doados para o colégio pode ser percebido como o pontapé inicial para a criação do Museu da FBC. O projeto de criação do Museu da Fundação Brasil Central foi recebido pelo Conselho Diretor da entidade com entusiasmo meses depois do contato inicial cometido pelo diretor do Elefante Branco, tendo sido aprovado por unanimidade no dia 10 de março de 1966, em sua 185ª reunião. Concedida a autorização, cartas e ofícios foram endereçados pelo presidente da Fundação para diversas instituições, com informações a respeito da formação do museu e convidando-as ao ato solene de inauguração.

Dentre elas, podem-se destacar: Supremo Tribunal Federal, Senado Federal, Câmara dos Deputados, Tribunal de Contas da União; prefeituras de Goiânia, de Aragarças, de Piranhas e do Distrito Federal; Procuradoria Geral do Distrito Federal, diversas embaixadas, como as da Bélgica, da Inglaterra, da França, da Alemanha Ocidental, do Canadá e do Japão; ministérios da Guerra, da Educação e Cultura, da Justiça e Negócios Interiores, das Minas e Energia, das Relações Exteriores, da Agricultura; Serviço de Defesa da Flora e da Fauna – subordinado ao Ministério da Agricultura; Serviço de Proteção aos Índios; Universidade do Ceará; Universidade do Brasil – entre outras¹².

Com efeito, muitas dessas entidades se fizeram representar na inauguração, que aconteceu em 31 de março de 1966, às 21 horas, nas dependências do colégio Elefante Branco, provavelmente em comemoração ao golpe militar que instaurou a ditadura no

¹²ANB, FBC, Caixa 10, Museu, Cartas-Convites.

Brasil na mesma data, em 1964. O apoio prestado por instituições do Estado deu-se pelo fato da própria entidade ter sido originada pelo regime estatal e por sua expressiva participação no processo histórico que vigorou acerca da modernização e identidade brasileiras durante o século XX por meio de suas atividades de desbravamento, ocupação e desenvolvimento realizadas no sertão. Algumas instituições, ausentes da inauguração, mais tarde prestigiaram o museu por intermédio de visitas oficiais, como foi o caso da Embaixada Britânica.

Por meio de diversos documentos, o presidente Aloysio Lontra Netto, esclareceu sobre a iniciativa de criação, propósitos e atividades a serem desenvolvidas no Museu da FBC. Tratava-se de “um museu destinado a recolher e conservar os exemplares mais variados da fauna e flora do Brasil Central, com vistas a estudos e pesquisas científicas de caráter regional.” (ANB, FBC, Caixa 10, Museu, Carta nº 68, 05/04/1966). Também “o Museu está destinado a ser um amplo mostruário da fauna, da flora e dos recursos minerais do Brasil Central, abrangendo aspectos culturais expressos pelo artesanato, literatura e música.” (ANB, FBC, Caixa 10, Museu, Carta nº 49, 25/03/1966). Além disso, seria “ao mesmo tempo, um centro de estudos e pesquisas sobre a região, com programação de cursos e aulas práticas em torno das matérias correlatas.” (ANB, FBC, Caixa 10, Museu, Carta nº 59, 28/03/1966). No documento que anuncia a criação do Museu, ele explica o sentido da iniciativa:

1. A Fundação Brasil Central, dedicada ao desbravamento e à colonização em extensas áreas do Centro-Oeste, tem suas atividades sócio-econômicas necessariamente vinculadas ao desenvolvimento cultural da região, quer pelo seu aspecto humano, quer pelas possibilidades de pesquisa sobre a fauna e a flora e recursos naturais, visando a sua preservação ou aproveitamento.

2. Esse vasto campo de pesquisa, ainda praticamente intocado, pode e deve ser convertido em fonte inexaurível de novos conhecimentos para enriquecer o tesouro cultural da Nação e suscitar, entre as jovens gerações, o interesse pelas atividades criadoras que inspiram e impulsionam a luta pela integração do Interior ao processo de desenvolvimento do Brasil.

3. O projeto de criação, em Brasília, de um Museu da Fundação Brasil Central, assinala a retomada, nesse setor, de atividades por este órgão interrompidas há muitos anos, e constituirá apreciável contribuição para que se realizem os objetivos expostos, pois foi concebido para funcionar dinamicamente, de modo a ser, ao mesmo tempo, mostruário de nossos recursos e um centro de estudos e pesquisas, de divulgação da História das artes plásticas, literatura e

música do Centro-Oeste. (ANB, FBC, Caixa 10, Museu, Carta nº 09, 18/03/1966).

Em outro momento, Aloysio Lontra Netto acrescenta:

O museu destina-se a estimular o interesse pelas pesquisas e o conhecimento do imenso tesouro que o Centro-Oeste encerra, tanto no que toca os recursos minerais, com a fauna, flora e aspectos culturais: literatura, artesanato, música, folclore, etc. De início contará o Museu com uma exposição de animais taxidermizados, amostras de minérios e essências vegetais, livros, discos, documentários cinematográficos, “slides”, fotografias, etc. [...] Estou convencido de que a criação do Museu da Fundação Brasil Central vem preencher uma lacuna em suas atividades, e contribuirá para o desenvolvimento Cultural do Centro-Oeste, estimulando o interesse da Administração e da iniciativa privada pelo desenvolvimento desta vasta e rica região de nosso País. (ANB, FBC, Caixa 10, Museu, Carta nº 04, 21/03/1966).

A partir desses enunciados, podemos discutir não apenas os objetivos do Museu, mas também a sua dinâmica de funcionamento, a sua relação com a história da FBC e a relação que ele procuraria manter com a cidade de Brasília.

Inicialmente, é necessário considerar que o Museu se relaciona diretamente com as atividades de desbravamento no sertão desenvolvidas pela FBC. Era intuito de a fundação dar prosseguimento a essas atividades (com a Expedição Xavantina-Cachimbo, acima mencionada), para continuar a alimentar e enriquecer o Museu, assim como seu acervo inicial resultava, principalmente, das atividades científicas executadas pela instituição desde a década de 1940, especialmente sob a liderança de Helmut Sick no Departamento de Pesquisas Naturalísticas da Fundação Brasil Central¹³. Assim, o Museu estaria diretamente relacionado às atividades de pesquisa científica, principalmente as Ciências Naturais.

Segundo a geóloga Margaret Lopes (1997), os museus relacionados às Ciências Naturais tiveram a sua importância científica reconhecida no Brasil nas últimas décadas do século XIX, tais como: o Museu Nacional no Rio de Janeiro e o Museu Paraense Emílio Goeldi. A autora ainda elucida a respeito do aparecimento dos Museus de Ciências Naturais e sua importância, que "foram espaços para a articulação do olhar dos

¹³ Folha da Manhã, *O colecionador de pássaros do Brasil Central*, Rio de Janeiro, 1952, Edição 1.971, Caderno 03, Capa.

naturalistas, transformando-se de gabinetes de curiosidade em instituições de produção e disseminação de conhecimentos.” (LOPES, 1997, p. 15). Tal desdobramento impulsionou o número de museus e instituições na nação dedicadas ao estudo da natureza brasileira. Além disso, as continuidades e a proliferação de espaços destinados aos conhecimentos da diversidade natural encontrada no Brasil eclodiram de forma expressiva também durante o século XX, sobretudo, com a criação de inúmeros centros de pesquisa e universidades.

Assim, o acervo inicial do Museu da FBC resultava, principalmente, de pesquisas sobre a natureza do Brasil Central realizada por naturalistas. Em 1953 em Aragarças – base efetiva da FBC em Goiás – foi criado um Museu de Ciências Naturais da instituição na cidade, o objetivo seria atrair turistas e estudiosos para o museu que estava destinado a ser “o maior museu do Brasil Central” (TORRES, 1953, p. 03). Instalado provisoriamente num hotel da fundação, o museu expôs uma parte do acervo de animais taxidermizados produzida por Sick e seu assistente José Hidasí, o propósito seria que o museu funcionasse em um prédio próprio que viria a ser construído, o que não ocorreu. Anos mais tarde, o museu seria novamente instalado em Brasília e o seu acervo, exibido na capital.

Ele foi constituído por inúmeros espécimes de animais taxidermizados, em sua maioria, de espécies brasileiras encontradas no Brasil Central. O museu contava com cerca de 1500 animais empalhados de inúmeras espécies da fauna brasileira e também de outros países, só de aves do Brasil eram 497 espécies estudadas, como: Bico de agulha, perdizes, Saí-andorinha, João bobo, Tiêdo Mato Grosso, Sanaço de fogo, Jurity, Saí-azul, dentre outros¹⁴. De outros países, o acervo possuía aves taxidermizadas como o pingüim imperial¹⁵ – sendo este o maior do mundo, além de exemplares da Índia, da França, da Hungria, do Canadá, do Japão, dos Estados Unidos, dentre outras¹⁶. Os animais empalhados eram exibidos no museu em vitrines de madeira rústica, estantes laqueadas e armários de aço com duas portas que mostravam também amostras diversas de couros de animais, além de sapo, tatu e tartaruga entalhados¹⁷ e a coleção de peixes

¹⁴ ANB, FBC, Caixa 10, Museu, Memorando nº 52/66.

¹⁵ Jornal do Brasil, *Um pingüim tem um metro de altura*, Rio de Janeiro, 1966, Edição 91, Caderno B, p. 03.

¹⁶ ANB, FBC, Caixa 19, Doações, Relação do material que compunha o extinto Museu.

¹⁷ Idem.

amazônicos esculpidos em madeira pelo artista amazonense Abelardo Mafra¹⁸.

Também, era composto por exemplares de “aberrações” genéticas como o veado de duas cabeças¹⁹ e um galo de três pernas, além de reproduções de cenas da natureza como uma luta entre uma onça e uma anta. Grande parte dos animais empalhados foi produzida pelo naturalista húngaro José Hidasi: além de ter sido o assistente de Helmut Sick nas expedições científicas da FBC, ele inspecionou a montagem das mostras executadas na instituição e desempenhou as suas atribuições como ornitólogo e taxidermista durante o tempo de atividades do museu da FBC em Brasília. Aliás, foi ofertado em vários momentos, o curso de taxidermia para a formação de novos profissionais na área ministrado pelo naturalista. Eram também oferecidos cursos de grafologia, folclore nacional, russo, inglês, taquigrafia, entre outros²⁰.

Amostras de minérios, vegetais, livros, discos, documentários, fotografias e itens etnográficos do Centro-Oeste também integravam o acervo do museu. A respeito dos artefatos que serviam como expressões da cultura oriunda do sertão, o acervo era formado por objetos diversos pertencentes ao uso dos índios, tecidos de algodão, alpargatas, cestaria, esculturas, Cabeças de boi, tear de madeira, coleção de peças em cerâmicas e outros²¹. Cada item era descrito em fichas de catalogação como as rendas de bilro²² produzidas em Goiás pela rendeira Martinha Alves de Lima, que foram confeccionadas em

Quatro qualidades, sendo uma em renda branca, outra acompanhada com novelo. A rendeira aprendeu com sua família a fazer renda com bilro, usa linha comum de carretel ou linha fiada de algodão feito por ela própria. Faz essa linha com fuso de mão, sendo uma linha muito fina. Esse algodão usado para fiar, é plantado no seu quintal. É chamado algodão crioulo, com o caroço. Faz também crocher, mas prefere fazer renda de bilro. (ANB, FBC, Caixa 10, Museu, Boletim Informativo nº 06).

O acervo exibido no Museu de Ciências Naturais da FBC gerou muita curiosidade e não há dúvidas, os espécimes que o compunham foi um dos grandes atrativos da instituição, quer por sua diversidade ou por sua importância acerca dos aspectos naturais

¹⁸ Correio Braziliense, *Museu da Fundação tem esculturas de peixes amazônicos em madeira*, Brasília, 1966, Caderno 02, Capa.

¹⁹ Correio Braziliense, *Veado de duas cabeças: Museu da FBC*, Brasília, 1966, Edição 01801, Caderno 02, p. 03.

²⁰ Correio Braziliense, *Aulas de grafologia, folclore nacional e inglês*, Brasília, 1966, Edição 01798, Caderno 02, p. 02.

²¹ ANB, FBC, Caixa 19, Doações, Relação do material que compunha o extinto Museu.

²² Instrumento de madeira e/ou metal, usado por rendeiras na confecção de um tipo específico de renda

e culturais do Centro-Oeste que representavam. A propósito, tanta atenção despertou até ações negativas, o Museu sofreu um roubo de pássaros taxidermizados que estavam expostos nas vitrines no dia 11 de maio de 1967, enquanto o museu estava fechado e não disponibilizava de vigilância no horário. Foram roubados cinco exemplares da coleção “Saís do Brasil Central” e uma ave denominada “Caborezinho²³”. Não há notícias de que os exemplares foram recuperados posteriormente.

Estava previsto que o Museu operaria “sob a direção de uma museóloga assistida por um naturalista e dois biólogos, contando ainda com um elemento da administração da própria Fundação e estudantes daquele educandário [o Colégio Elefante Branco].” (ANB, FBC, Caixa 10, Museu, Carta nº 04). Durante o seu tempo de vida, o museu criado pela Fundação Brasil Central em Brasília retratou aspectos relevantes no que concerne à história e à natureza do Centro-Oeste do país – por meio de exposições, cursos, atividades guiadas e participação em eventos culturais voltados para todo o corpo social da cidade. O museu configurou-se como um espaço disseminador das riquezas abundantes do sertão, pois “tudo que se relaciona com o Brasil Central interessa ao Museu FBC.” (ANB, FBC, Caixa 10, Museu, Boletim Informativo nº 06). O museu foi dirigido pela museóloga Yolanda Americano Cavalcanti e as visitas eram guiadas por estudantes universitários que explanavam sobre os espécimes exibidos, os aspectos da região e as características da instituição, segundo uma matéria publicada no *Jornal do Brasil*²⁴. O seu funcionamento ocorria de terça a domingo das 10 às 22 horas e também nos feriados e dias santos, nas dependências do Elefante Branco. Em seu primeiro semestre de desempenho – de março a setembro de 1966 – o museu recebeu 2.545 visitantes, “sendo eles: adultos 576, estudantes 624, crianças 238, colegiais (em turmas) 1.107.” (ANB, FBC, Caixa 10, Museu, Boletim Informativo nº 06).

Em notícia publicada pelo *Jornal do Brasil* sobre o Museu informa que ele foi projetado a partir de “um amplo mostruário da fauna, da flora e dos recursos minerais da região Centro-Oeste, além de ministrar cursos sobre empalhamento de animais, geologia, artes, artesanato, folclore, história e literatura, com base principalmente nos

²³ANB, FBC, Caixa 10, Museu, Memorando nº41/67.

²⁴ *Jornal do Brasil*, *Museu no DF mostra bicho empalhado*, Rio de Janeiro, 1966, Edição 79, Caderno 01, p. 10.

temas culturais e aspectos da região²⁵". Ainda de acordo com a publicação, tratava-se "do museu projetado e constituído mais rapidamente em todo o mundo²⁶".

Observa-se que o acervo do museu apresentava inúmeros aspectos do Brasil Central em sua composição. Porém, o Museu da Fundação Brasil Central deve ser entendido não apenas como espaço de exposição, mas também, como um espaço diverso em que inúmeras atividades realizadas também contribuiriam para a disseminação de conhecimentos sobre a natureza e a cultura do Centro-Oeste, o qual permitiu as mais diversas experiências educativas para os visitantes das instalações do museu no Elefante Branco e para a sociedade que residia na capital. Portanto, o Museu apresentou-se também como uma instituição voltada a contribuir por meio de suas atividades na formação escolar e profissional de sujeitos incorporados à sociedade brasiliense no período.

Um dos recursos empregados pelo Museu para transmitir as informações e dados acerca do acervo, funcionamento e as atividades desenvolvidas no espaço durante o seu período de existência era por meio de boletins informativos expedidos mensalmente que eram divulgados para os servidores da Fundação e enviados também para outras instituições com o intuito de disseminar as notícias mais pertinentes no cotidiano do Museu.

Tratava-se de disseminar e tornar acessíveis novos conhecimentos, as dinâmicas pensadas no projeto que originou o Museu da FBC na capital suscitaram na população o interesse pela história do Brasil Central e as riquezas oriundas da natureza e das expressões culturais da região. Por meio das atividades realizadas, os frequentadores do Museu tiveram acesso às manifestações do sertão que tanto foram negligenciadas durante séculos no imaginário brasileiro e que contribuiriam para o desenvolvimento cultural da região e para o enriquecimento da nação.

Desta maneira, é correto afirmar a importância e valor históricos do museu criado pela FBC nos primeiros anos da atual capital do país, tendo despertado na população o interesse pela diversidade natural e cultural oriunda do Brasil Central.

²⁵Jornal do Brasil, *Museu no DF mostra bicho empalhado*, Rio de Janeiro, 1966, Edição 79, Caderno 01, p. 10

²⁶ Idem.

Entretanto, não foi apenas por meio do seu rico acervo e funcionamento que o museu conseguiu instigar a sociedade a fim de relacionar-se com a história do sertão brasileiro. Assim sendo, será ilustrada em seguida a presença do museu na imprensa brasiliense durante o período em que esteve ativo.

2.1 O Museu e a Cidade

O Museu da FBC na capital foi o precursor no que concerne à exposição e conhecimentos acerca do sertão na cidade. Como foi explicitado pelo presidente da Fundação, a criação do museu viria a preencher uma lacuna para que a história do Centro-Oeste brasileiro e os seus abundantes tesouros fossem conhecidos, pois o sertão representava em muitos aspectos a autêntica brasilidade da nação. Além disso, era de fundamental relevância suscitar em toda a sociedade, por meio do museu, o interesse pelo Brasil Central para o desenvolvimento cultural da região.

Para tanto, a FBC introduziu-se na imprensa brasiliense mediante a produção e exibição do programa de televisão “O Museu e a Cidade”, exibido às quartas-feiras das 22:30 às 23:00 horas na TV Nacional, canal 03²⁷. O intuito da Fundação Brasil Central era transmitir os assuntos referentes ao museu e as expedições desbravadoras no sertão. De acordo com o jornal Correio Braziliense, uma das edições do programa estaria

Focalizando o trabalho [...] das expedições aéreas pelo Planalto Central e “Chico Doido”, um aviador civil que fez a primeira viagem para as demarcações da nova capital será entrevistado. Outras expedições farão parte daquele programa, principalmente o apoio aéreo que aquele aviador deu para estabelecer contato com os índios no Roncador-Xingu. (Correio Braziliense, 1966, Edição 02012, Caderno 02, p. 02).

Também, o programa exibia matérias acerca dos aspectos naturais e culturais da região, as quais contribuíam para a visibilidade do Museu junto à sociedade residente na capital. Produzido e dirigido pela professora Thereza Catharina de Góes, o roteiro do programa “O Museu e a Cidade” era planejado para que a presença da FBC na imprensa da cidade possibilitasse, também, a divulgação dos assuntos relacionados ao Museu e a rica diversidade encontrada no Centro-Oeste brasileiro. Portanto, a história do Brasil Central era também disseminada nos lares da população por meio de matérias, de espetáculos musicais de artistas da região como a cantora folclórica Ely Camargo e das

²⁷ ANB, FBC, Caixa 10, Museu, Boletim Informativo nº 06.

atividades efetivadas no Museu.

A respeito da divulgação das ações realizadas no museu, destaca-se o concurso infantil lançado dias após a sua inauguração, no qual os melhores desenhos produzidos por estudantes do ensino primário sobre os animais expostos seriam premiados no programa “O Museu e a Cidade”. Foi necessário que o presidente da FBC pedisse autorização ao juiz de menores da época – Jorge Duarte de Azevedo – para que as crianças vencedoras do concurso pudessem comparecer no programa a fim de serem recompensadas. A carta redigida rogava pela “concessão de uma licença especial para que as crianças vencedoras do Concurso Infantil promovido pelo Museu da Fundação Brasil Central possam comparecer [...] às 22 horas ao programa ‘O Museu e a Cidade’, na TV Nacional, para receberem os prêmios que fizeram jus pela sua participação.” (ANB, FBC, Caixa 10, Museu, Carta nº 72, 03/06/1966).

Ainda, foram também divulgados dois concursos folclóricos lançados pelo museu, cujos vencedores seriam recebidos no programa de televisão com a finalidade de serem gratificados no Dia Nacional do Folclore, 22 de agosto de 1966. Além do mais, as exposições executadas nas instalações do Museu também foram amplamente divulgadas como uma maneira de atrair a sociedade para que o quadro de freqüentadores se intensificasse. Logo, nota-se que a FBC assumira o compromisso de converter o Museu em fonte de conhecimento em relação às especificidades do Brasil Central e ao desenvolvimento cultural do território para todo o corpo social de Brasília.

2.2 O museu e a cooperação com outras instituições

Conforme já dito, o projeto que resultou na criação do museu da FBC deu-se a partir da colaboração da entidade com o colégio Elefante Branco, iniciada por meio da troca de cartas entre o diretor da escola e o presidente da Fundação em 1965, as quais acarretaram meses depois, na concretização do museu, localizado nas dependências do educandário. A parceria firmada obteve o devido reconhecimento expresso pelo presidente em carta endereçada ao diretor antes da inauguração do museu: “espero que prossiga e desenvolva sempre mais esta colaboração, no interesse de ambas as entidades e do desenvolvimento cultural de Brasília e de todo o Centro-Oeste.” (ANB, FBC,

Caixa 10, Museu, Carta nº 64, 19/04/1966).

Contudo, outras instituições contatadas por Aloysio Lontra corroboraram para a complementação do acervo do Museu e seu prestígio no campo das pesquisas no período em que desempenhou as suas atividades na capital. Segundo consta na documentação institucional da entidade enviada às embaixadas, “a fim de enriquecer o acervo do Museu, a Fundação está propondo colaboração a todas as entidades culturais do País e, [...] pretende sugerir intercâmbio com os órgãos que, em seu País, se dedicam a atividades semelhantes.” (ANB, FBC, Caixa 10, Museu, Carta nº 12, 21/03/1966).

A respeito das cooperações, uma das mais notáveis ocorreu com a Embaixada Britânica que, além das visitas oficiais realizadas ao museu, colocou-se à disposição a fim colaborar com o enriquecimento de seu acervo por meio da troca de espécimes com o British Museum²⁸. Em uma das cartas dirigidas ao presidente da Fundação, o embaixador informou sobre um possível intercâmbio entre ambas as entidades:

O British Museum está à disposição para colaborar em troca de espécimes em duplicata. Apesar de terem muito pouco, ou nada, da Bacia Amazônica, os quais poderiam ser considerados como duplicatas, eles poderão ajudar fornecendo material comparativo de outras partes do mundo, como África, Oceania e América do Norte, se V.S. puder nos informar se a Fundação Brasil Central está interessada na oferta do British Museum, escreveremos ao encarregado da Etnografia, Mr. Adrian Digby, dando a resposta. (ANB, FBC, Caixa 10, Museu, Carta nº 7648, 16/11/1966).

Ademais, por meio da comunicação estabelecida entre a FBC e a Embaixada Britânica durante o funcionamento do museu, cientistas britânicos vieram ao país e em convênio com a entidade, participaram de uma expedição no Xingu em 1966 com o objetivo de conhecer a vasta riqueza achada na região, tal excursão de reconhecimento pelo Brasil Central foi realizada por dois meses e, posteriormente, foi muito elogiada pelos cientistas britânicos. Também, em 1967, a FBC iniciou a Expedição Xavantina-Cachimbo que também contou com a presença de cientistas britânicos a fim de enriquecer o campo de estudos e pesquisas científicas acerca do território²⁹.

Outra instituição que auxiliou e integrou o corpo da expedição foi a

²⁸ Fundado em 07 de junho de 1753, o Museu Britânico é um dos mais visitados do mundo. Abriga em seu acervo mais de 07 milhões de itens provenientes de todos os continentes que ilustram a história da cultura humana desde os seus primórdios até a atualidade.

²⁹ Correio Braziliense, *Expedição científica se instala em selvas brasileiras*, Brasília, 1967, Edição 02195, Caderno 02, Capa.

Universidade de Brasília, esta também convidada pela Fundação para desenvolver pesquisas científicas na região, com a participação, em campo, de estudantes de biologia da UnB, e destacando que “a cooperação da Universidade se fará principalmente por meio de estudos nos próprios laboratórios do Instituto de Biologia³⁰”. Além desta colaboração,

A Universidade de Brasília, através de sua Faculdade de Comunicação, também está presente no Museu da Fundação Brasil Central. Os estudantes de introdução à comunicação coletiva estão realizando um trabalho de pesquisa sobre a comunicação entre os animais e ali têm comparecido, em equipes, para estudar as particularidades da conduta de aves e mamíferos, flagradas e imobilizadas pelos taxidermistas. Quando as pesquisas e redação dos trabalhos universitários forem concluídas, serão editadas pelo Centro de Pesquisas da Comunicação Coletiva da UnB, com pareceres dos professores de zoologia e psicologia, em volume ilustrado com fotos colhidas no Museu. (Correio Braziliense, *Expedição científica se instala em selvas brasileiras*, Brasília, 1967, Edição 02195, Caderno 02, p. 01).

É significativo ressaltar que as contribuições provenientes das parcerias estabelecidas entre a FBC e outras instituições não foram unicamente dedicadas aos estudos científicos e ao enriquecimento do acervo do museu, mas também por meio de ações dedicadas à cultura do Centro-Oeste, como a participação do museu na organização do IV Festival Folclórico do DF realizado por cinco dias em agosto de 1966 – a abertura do festival deu-se no dia dezoito às 18 horas³¹ – em parceria com a prefeitura do Distrito Federal. Uma mostra foi idealizada e criada pelo museu para o festival com objetos de vários estados, sobretudo, Goiás, Mato Grosso e Bahia³². O objetivo da exposição seria enaltecer e propagar as manifestações culturais do Brasil Central, tendo sido instalada no Teatro Nacional³³ e contado com ampla visitação.

Portanto, tais colaborações foram de grande relevância para o Museu em seu período de atividades na capital e é correto afirmar que em junção com outras instituições de importância no período, ele desempenhou ações e realizou estudos que contribuíram para o desenvolvimento cultural do Centro-Oeste, a disseminação dos inúmeros conhecimentos acerca da natureza do Brasil Central para a sociedade e o

³⁰ Idem.

³¹ Correio Braziliense, *IV Festival Folclórico do DF tem início no dia 18*, Brasília, 1966, Edição 01902, Caderno 02, Capa.

³² Correio Braziliense, *Exposição de folclore*, Brasília, 1966, Edição 01914, Caderno 01, p. 08.

³³ O Teatro Nacional Cláudio Santoro é um teatro brasileiro localizado na capital do país, Brasília. Foi criado pelo arquiteto Oscar Niemeyer e seu projeto estrutural foi executado pelo engenheiro Joaquim Cardozo. A construção foi iniciada em 1960 e a sua finalização ocorreu em 21 de abril de 1981. Atualmente, está em reforma e permanece fechado ao público.

enaltecimento da identidade genuinamente brasileira oriunda na região, que tanto foi negligenciada no imaginário brasileiro durante séculos em nossa história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS - O fim do Museu de Ciências Naturais e a extinção da Fundação Brasil Central

Apesar de sua importância nos empreendimentos estatais realizados no território brasileiro através da Marcha para o Oeste, a Fundação Brasil Central, a contar de 1951, passou a desempenhar atividades mais contidas, sobretudo, na cidade de Aragarças – base efetiva da FBC criada nos primeiros momentos da instituição – e mesmo com os esforços empreendidos pela gestão a fim de retomar as ousadas atividades desenvolvidas em vários momentos e por meio de inúmeros agentes históricos desde a sua concepção, a entidade operou mais timidamente a partir de tal período.

Além de tudo, a instabilidade financeira da Fundação Brasil Central foi determinante para que a instituição não recuperasse a sua força de atuação como ocorreu em seus primeiros anos de atividades, existia a dificuldade em coordenar a infraestrutura, os transportes, a própria administração da entidade, dentre outros aspectos. Nem o patrimônio da Fundação manteve-se intacto, as empresas criadas pela entidade, como usinas e transportadoras, sofreram crises financeiras e não possibilitaram o retorno financeiro almejado. Ademais,

Talvez seja melhor assumir duas vidas da FBC: a institucional, cuja força e capacidade de criação burocrática se esgotariam no começo dos anos 1950, e a cultural, que se impregnou na própria arquitetura do Estado brasileiro, sobrevivendo, e muito, ao ano de 1967. (MAIA, 2012, p. 175).

O museu da FBC incluiu-se nos esforços da instituição em retomar o seu prestígio e as formas de atuação a respeito do desbravamento, ocupação e desenvolvimento do Brasil Central. O mesmo, de fato, contribuiu para que o corpo social da capital, além de familiarizar-se com a história do Brasil Central, conhecesse, por meio das manifestações da natureza e da cultura, aspectos do que se considerava parte da identidade brasileira em suas inúmeras expressões. A Fundação objetivou inspirar e impulsionar na sociedade o interesse pelo conhecimento e estudos das características do sertão ao ter criado o Museu de Ciências Naturais em Brasília.

Após o comunicado de que a FBC seria extinta, a entidade fechou o Museu por força da Portaria nº630, editada em 28 de junho de 1967, e o Conselho Diretor da FBC – em sessão realizada em 08 de agosto de 1967 para a discussão das medidas que viriam

a seguir, com a criação da Superintendência de Desenvolvimento do Centro-Oeste (Sudeco), por meio da Lei nº 5365/1967 – deliberou pela doação da estrutura e acervo do Museu para a Fundação Zoobotânica³⁴ do Distrito Federal, e assim efetuou-se. No mesmo período, a instituição criara um museu de Taxidermia no Zoológico do DF, dedicado ao estudo da natureza, o que, em certa medida, pode ter sido resultado da iniciativa realizada pela FBC ao ter criado o primeiro museu de Ciências Naturais em Brasília.

Infelizmente, antes mesmo de sua inauguração, o Museu do Zoológico “foi destruído por violento incêndio provocado por curto circuito, domingo, às 12 horas, com prejuízos calculados em 30 mil cruzeiros novos”³⁵. Esse museu foi reconstruído e ainda está ativo no Distrito Federal, todavia a maior parte do patrimônio que outrora pertencera ao Museu da FBC e foi doado transformou-se em cinzas e perdeu-se. Assim sendo, encerrou-se na cidade a participação do Museu que propagou os conhecimentos acerca do Brasil Central em iniciativa inédita nos primeiros anos de vida da atual capital do país.

A construção de uma nova capital para a nação brasileira, executada no governo de Juscelino Kubitschek e inaugurada em 1960 no Planalto Central³⁶, é um marco para a história de nosso país. Tal fato representou em muitos aspectos os ideais de progresso e modernização que vigoraram no século passado. Atenta-se neste caso para a localização de Brasília no território brasileiro – edificada no Brasil Central, região que, embora parcialmente povoada desde o século XVIII, com baixíssima densidade demográfica, conhecia, a partir do processo de interiorização iniciado na Era Vargas com a criação do programa Marcha para o Oeste, um movimento de desbravamento dos seus sertões, extensas áreas ainda não incorporadas pela sociedade nacional. Além do mais, “a construção de Brasília tem destaque especial na utopia de ocupação do território brasileiro, quer por sua dimensão simbólica, quer pelos desdobramentos inquestionáveis

³⁴ Criada em 1961 para dar suporte à implantação do Parque Zoobotânico proposto por Lúcio Costa. A Fundação foi responsável pela execução de programas na capital que possibilitaram as criações do Jardim Botânico e do Zoológico de Brasília. Foi extinta por meio do Decreto Nº 20.976 de 27 de janeiro de 2000, sendo as suas atribuições e competências incorporadas à Secretaria de Agricultura do DF.

³⁵ Correio Braziliense, *Incêndio*, Brasília, 1967, Edição 02301, Caderno 01, p. 08

³⁶ Designa o grande Planalto Brasileiro que compreende uma área de 4,5 milhões de km², o que totaliza quase metade da área terrestre no Brasil. Se estende pelo Distrito Federal, Goiás, Minas Gerais, Tocantins, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

que produz nessa epopéia da história do Brasil.” (GOMES, 2013, p.72). A historiadora e cientista política ainda relata sobre a preferência dada ao Centro-Oeste pelos brasileiros no processo de ocupação do sertão, e é evidente que a nova capital do Brasil atraiu e deslocou uma parte expressiva da população brasileira que procurava por melhores condições de vida e trabalho. Da sua concepção à inauguração como a nova capital, Brasília foi pensada pela ideia de modernidade, a qual representasse o país de maneira desenvolvimentista e progressista.

A instalação do Museu de Ciências Naturais da FBC contribuiu, em certa medida, para a afirmação do ideal de uma capital moderna para o país, tendo em vista que durante o século passado a institucionalização das Ciências Naturais no país por meio de museus, institutos de pesquisas e universidades era tida como elemento de fortalecimento da nação, pois a sua constituição era entendida “como uma ciência moderna.” (LOPES, 1997, p. 16). Ao mesmo tempo, o Museu introduziu no território modernizado, representado pela nova capital, elementos de valorização do sertão ao expor seus recursos e colocá-los ao alcance da sociedade.

Por mais curta que tenha sido a sua existência, há desdobramentos na história do Museu da FBC a serem investigados em outro momento. A respeito do seu acervo, há de considerar-se a possibilidade de alguns itens ainda estarem em exibição no museu de taxidermia do Zoológico do DF, visto que o incêndio ocorrido em 1967 não dizimou o acervo doado em sua totalidade. Em relação ao programa de TV “O Museu e a Cidade”, será necessária uma pesquisa mais profunda sobre os conteúdos exibidos e as dinâmicas de comunicação pensadas para atingir uma maior parcela da população por meio de tal veículo da imprensa brasiliense; seria pertinente consultar o acervo de imagens e vídeos do Arquivo Nacional no Rio de Janeiro para tal propósito.

Acerca dos elementos simbólicos que enalteciam o Brasil Central, a FBC solicitou ao Departamento de Correios e Telégrafos a confecção de um carimbo comemorativo do primeiro ano do Museu na cidade; não há informações de que tal pedido tenha sido executado, sabe-se apenas que o carimbo conteria a data de inauguração do museu e um desenho alusivo ao Brasil Central³⁷. Há ainda, um modelo de brasão do Museu que foi criado pelo heraldista Alberto Lima, do Ministério da

³⁷ ANB, FBC, Caixa 10, Museu, Ofício n° 449, 28/06/1966.

Guerra. De acordo com o autor, o brasão teria sobre

Uma faixa vermelha (goles) o nome da Fundação Brasil Central (em ouro); em campo azul (blau) o emblema de Brasília encimando um Sol em ouro, tendo à direita um Buriti e uma Carnaúba, no mesmo metal. Sobre a faixa verde (sinopie) aparece a denominação do Museu, em ouro. O mote é o seguinte: “o sol nasceu no Centro-Oeste e a Selva Iluminou-se”. O símbolo das cores obedece à seguinte interpretação: a) Vermelho: representa a intrepidez e a coragem dos desbravadores; b) Azul: a franqueza, a sinceridade e a serenidade necessárias; c) Branco: a paz; d) Verde: a fartura; e) Ouro: a riqueza do Centro-Oeste. À base deste modelo, a Fundação ura imprimir flâmulas e plásticos a serem distribuídos entre os visitantes do Museu. (ANB, FBC, Caixa 10, Museu, Carta nº 71, 20/04/1966).

Tais elementos simbólicos podem ser compreendidos como expressões que viriam a elevar e validar o Museu segundo os objetivos que orientaram a sua criação e, ainda caberiam estudos sobre o significado desses elementos visuais representativos do Museu e de suas relações com a natureza e a cultura do Brasil Central.

Além disso, há lacunas a serem preenchidas no que concerne às cooperações do Museu realizadas com o British Museum e a Universidade de Brasília. Em 1967, no mesmo ano da extinção do Museu e da substituição da Fundação Brasil Central pela Sudeco, tiveram início algumas pesquisas científicas e a expedição Xavantina-Cachimbo. Os resultados e as contribuições que possam ter aparecido após o fim do Museu não são plenamente conhecidos.

FONTES E REFERÊNCIAS

. Fontes primárias

Instituição

Arquivo Nacional (AN)

Coordenação Regional do Arquivo Nacional em Brasília (ANB): Fundo da Fundação Brasil Central (Fundo FBC AN/ COREG)

Periódicos

Correio Braziliense, Folha da Manhã e Jornal do Brasil.

Referências

AMADO, Janaína. *Região, sertão, nação*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15, 1995, p. 145-151.

FRANCO, José Luiz de Andrade; DRUMMOND, José Augusto. *Proteção à natureza e Identidade Nacional no Brasil, anos 1920-1940*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009.

GALETTI, Lylia da Silva Guedes. *Nos sertões e fronteira da pátria*. Sertão, Fronteira, Brasil – Imagens de Mato Grosso no mapa da civilização. Cuiabá: Editora EDUFMT, 2012.

GOMES, Castro de Angela. *População e Sociedade*. Olhando para dentro, volume 04, 1930-1964. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2013, p. 41-89.

LEONARDI, Victor. *Entre árvores e esquecimentos: a modernidade e os povos indígenas no Brasil. História social dos sertões*. Brasília: Editora UnB, Segunda edição, 1996.

LOPES, Maria Margaret. *O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX*. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

MAIA, João Marcelo. *Estado, território e imaginação espacial: O caso da Fundação Brasil Central*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

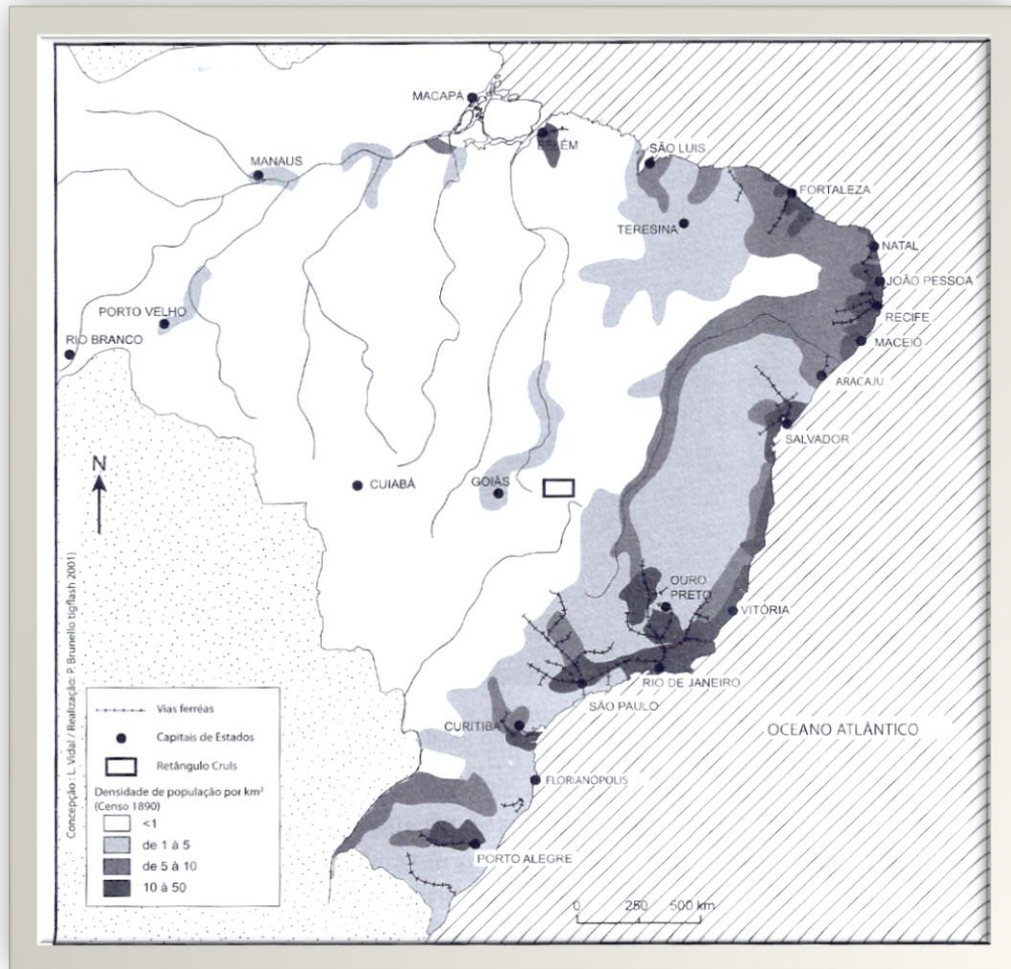
PACHECO, João de Oliveira. *Prefácio. A Marcha para o Oeste: a epopéia da Expedição Roncador-Xingu*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SICK, Helmut. *Tukani – Entre os animais e os Índios do Brasil Central*. Rio de Janeiro: Editora Marigo, 1997.

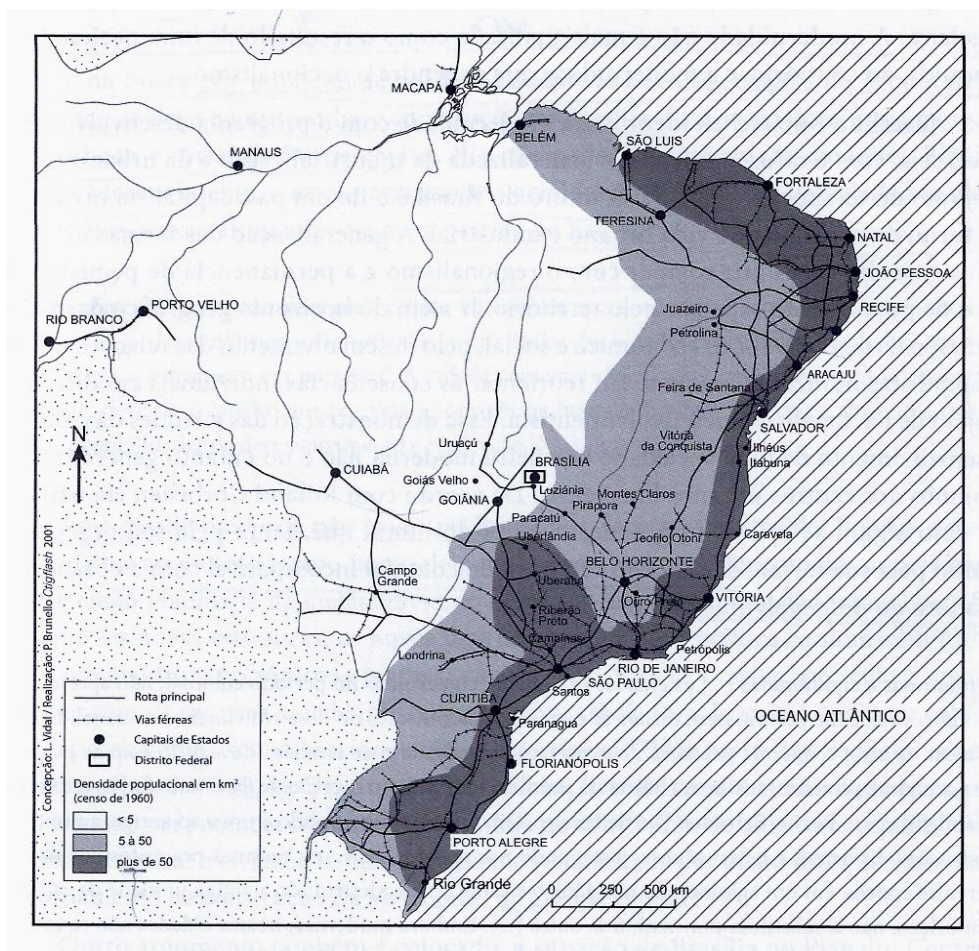
VILLAS BÔAS, Orlando e Cláudio. *A Marcha para o Oeste: a epopéia da Expedição Roncador-Xingu*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ANEXOS

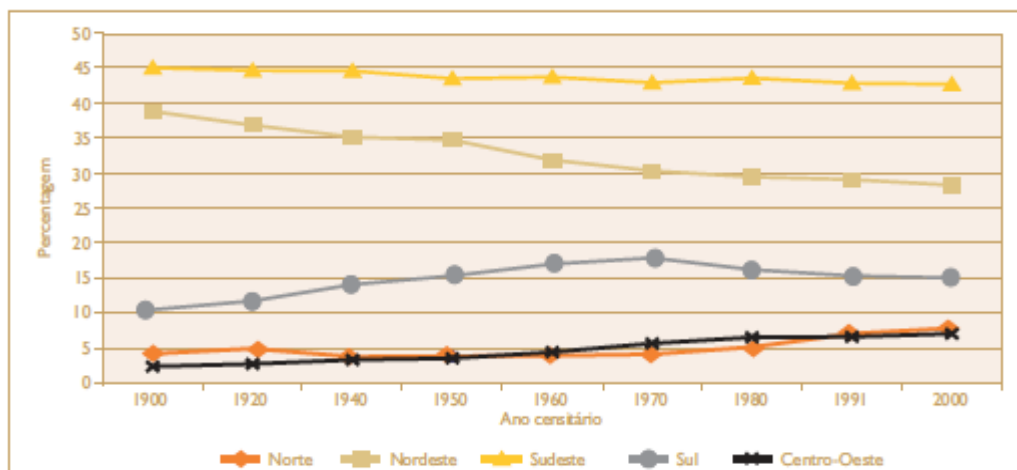
ANEXO A: Censo de 1890 (VIDAL, Lauren. *De Nova Lisboa a Brasília: a invenção de uma capital* (séculos XIX-XX). Brasília: Editora Universidade de Brasília, p. 117, 2009).



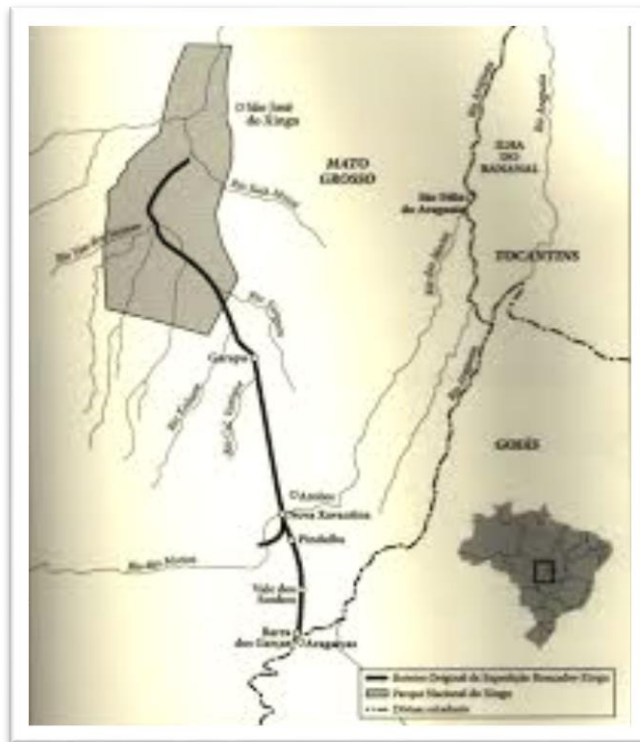
ANEXO B: Censo de 1960 (VIDAL, Lauren. *De Nova Lisboa a Brasília: a invenção de uma capital* (séculos XIX-XX). Brasília: Editora Universidade de Brasília, p.195, 2009).



ANEXO C: População relativa, por Grandes Regiões – Brasil – 1900/2000
(Anuário estatístico do Brasil 1996. Rio de Janeiro: IBGE. v. 56, 1997).



ANEXO D: Roteiro original da Expedição Roncador-Xingu (VILLAS BÔAS, 2012, p. 29).



**ANEXO E: BOLETIM INFORMATIVO Nº 06 (ANB, FBC, Caixa 10,
Museu, Boletim Informativo nº06, 09 e 10/1966).**

BOLETIM INFORMATIVO DO Nº 06
MUSEU DA FUNDAÇÃO BRASIL CENTRAL

Brasília-DF, 09 e 10/66.-

"MOVIMENTO DE VISITAS"

1º Semestre de vida - Março a Setembro

ADULTOS..... - 576
ESTUDANTES.. - 624
CRIANÇAS.... - 238
COLEGIAIS(em
Turmas..... -1.107
TOTAL..... -2.545

HORÁRIO DO MUSEU DA FBC

Diariamente, das 12 hs. às 20 hs, exce
to segunda-feira.

Aberto nos feriados e dias santos, no
dia seguinte permanece fechado.

TUDO QUE SE RELACIONA COM O BRASIL CENTRAL INTERESSA AO
MUSEU DA FBC.-

+++++

COLABORAÇÃO DO MUSEU DA FBC AO IV FESTIVAL FOLCLÓRICO DO
DISTRITO FEDERAL.-

Colaborando na realização do IV Festi-
val Folclórico do DF, o MUSEU DA FUNDAÇÃO BRASIL CENTRAL organi-
zou com grande êxito uma Exposição de material folclórico. Com
essa amostra, resultado dos trabalhos da antrópologa NEYDE ALE -
XANDER, foi iniciada a Seção de Folclore do Museu. A título de
curiosidade, como tudo no Museu é catalogado, transcreveremos a
ficha de um dos objetos apresentados.

NOME DE QUEM FEZ A PEÇA: Rendeira MARTINHA ALVES DE LIMA

ENDEREÇO: GOIÂNIA-GO

DESCRIÇÃO DO OBJETO: rendas de bilros. Quatro (4) qualidades, sendo uma em renda branca, outra acompanhada com novêlo.

VALOR: Cr\$ 5.000 (cinco mil cruzeiros)

PROCEDÊNCIA: Goiás

MATERIAL: Fio de algodão.

HISTÓRICO: MARTINHA ALVES DE LIMA, cinquenta e sete anos, cor preta, viúva, mãe de oito filhos, natural de São Raimundo-Piauí. Aprendeu com sua família a fazer renda com bilro. Usa linha comum de carretel ou linha fiada de algodão feita por ela própria. Faz essa linha com fuso de mão, sendo uma linha muito fina. Esse algodão usado para fiar, é plantado no seu quintal. É chamado algodão crioulo, com o carôço. Faz também crocher mas prefere fazer renda de bilro, o que ela chama renda de almofada. Vende a Cr\$.. Cr\$ 200 (duzentos cruzeiros) o metro de renda, com diversos padrões. Criva papéis ou cartões, onde perfura com alfinetes na confecção da renda.

X=X=X

O RIO ARAGUAIA

O majestoso Araguaia é um rio que apresenta muitos atrativos e mistérios.... Seu curso abrange ... 3.318 km e sua situação geográfica, rangendo o centro do Brasil, pode ser considerada privilegiada. Foi nas margens desse rio que, há poucos anos, um homem perdeu a vida. Esse homem, jornalista de São Paulo e, esporadicamente, sertanista, sempre procurou combater os escritores que, para se tornarem notórios, encheram de lendas e supertições tôlas, o sertão do Brasil Central, ao invés de narrarem o que realmente existe... Se vocês desejarem um bom livro sobre a nossa região - que ainda prima pelas baixíssimas taxas de densidade demográfica - devem preferir as obras do intró

pido sertanista HERMANO RIBEIRO DA SILVA.

Em seu livro "NOS SERTÕES DO ARAGUAIA"

HERMANO RIBEIRO DA SILVA não se contenta apenas em descrever - com admirável precisão e muita poesia -, as paisagens que tanto amou. Mas nos dá também vários dados históricos sobre os lugares percorridos e alguns desbravadores; descreve-nos elementos da fauna e da flora; critica algumas posições tomadas em relação ao desenvolvimento regional e aponta soluções simples, - porém objetivas.

Entre os fatos curiosos narrados em "NOS SERTÕES DO ARAGUAIA", podemos citar o registro de lendas, e trechos interessantes sobre o peixe bôto...

"Aparecem em redor da canoa os primeiros bôtos, resfolegando ruidosamente e expelindo a água pelo focinho, em altos jatos. Como a balcea e a toninha, o bôto é um cetáceo, animal aquático de sangue quente, possuindo pulmões ao invés de brânquias, de maneira que tem necessidade do ar atmosférico para respirar de espaço a espaço...

A pele, lisa e grossa, possui a tonalidade de cor marron, e o seu corpúsculo flácido e monstruoso - chega a alcançar dois metros de comprimento".

" Os caboclos tratam-no como animal sagrado e ninguém o mata, porque a lenda lhe atribui a virtude de proteger os naufragos, aos quais empurra com a cabeça para as margens do rio. Persegue desapiedadamente os peixes, com exceção somente dos de elevado porte, e demonstra habilidade extraordinária quando os encurrala nos remansos, onde consegue prodíguas caçadas. Creio que o privilégio do bôto termina unicamente nas garras da onça, que às vezes vence a sua astúcia, pegando-o nos lugares rasos. Vimos por duas ocasiões carniças frescas - desse cetáceo e, junto a elas, os restos recentes dos seus res-

peitáveis algozes".

Continuando a leitura de "NOS SERTÕES" o leitor partilha com HERMÃO DA SILVA o encontro com o peixe elétrico... (que também faz parte da coleção de peixes regionais que o Museu adquiriu).

"Na beira do lago, quando estamos a tratar do almoço, sou batizado pela impiedosa descarga do poraquê, também denominado treme-treme e peixe elétrico, esquisitíssimo espécie que habita os remansos da parte norte do país e do Rio Paraguai.

Os seus dois ou três tipos representativos identificam-se nos caracteres físicos gerais: cabeça pa recida com a da cobra, afinando-se na direção da cauda. Atinge ordinariamente de comprimento entre um e dois metros e até vinte centímetros de diâmetro".

"É dotado da particularidade extraordinária de emitir fluxos elétricos, o que o faz temido por todos os seres vivos que dêle se aproximam. Essas verdadeiras descargas, contudo, diminuem de intensidade à medida que se reproduzem, e por tal razão os indígenas venezuelanos usam amortecedores a bateria por intermédio de cavalos. Tocados e encurralados nas lagoas, os pobres quadrúpedes recebem os tremendos e sucessivos choques, muitas vezes sucumbindo afogados no sacrifício emocionante. Em seguida ao descarregar a sua força, os peixes são fígados sem qualquer perigo".

Os visitantes do Museu vêem que, em seu acervo, consta um tamanduá taxidermizado. A êle também se refere o jornalista de que falamos: "Quando ao tamanduá-bandeira, este incorrigível comedor de formigas, dotado de inextinguíveis músculos braçais e de compridas e aduncas unhas nas mãos, se acontece enlaçar a onça, força de morte, e não raro, ambos -

perdem a vida na luta titânica".

E para quem deseja presenciar de perto uma luta desses, basta ir até o Museu da FBC, localizado no andar térreo do "ELEFANTE BRANCO".

No Museu, vocês verão uma onça em dramática luta com uma anta. E verão muito mais que isso: cerca de mil e quinhentos pássaros empalhados: do Brasil e de outros países...

++++++

PROGRAMA DE TV - "O MUSEU E A CIDADE"

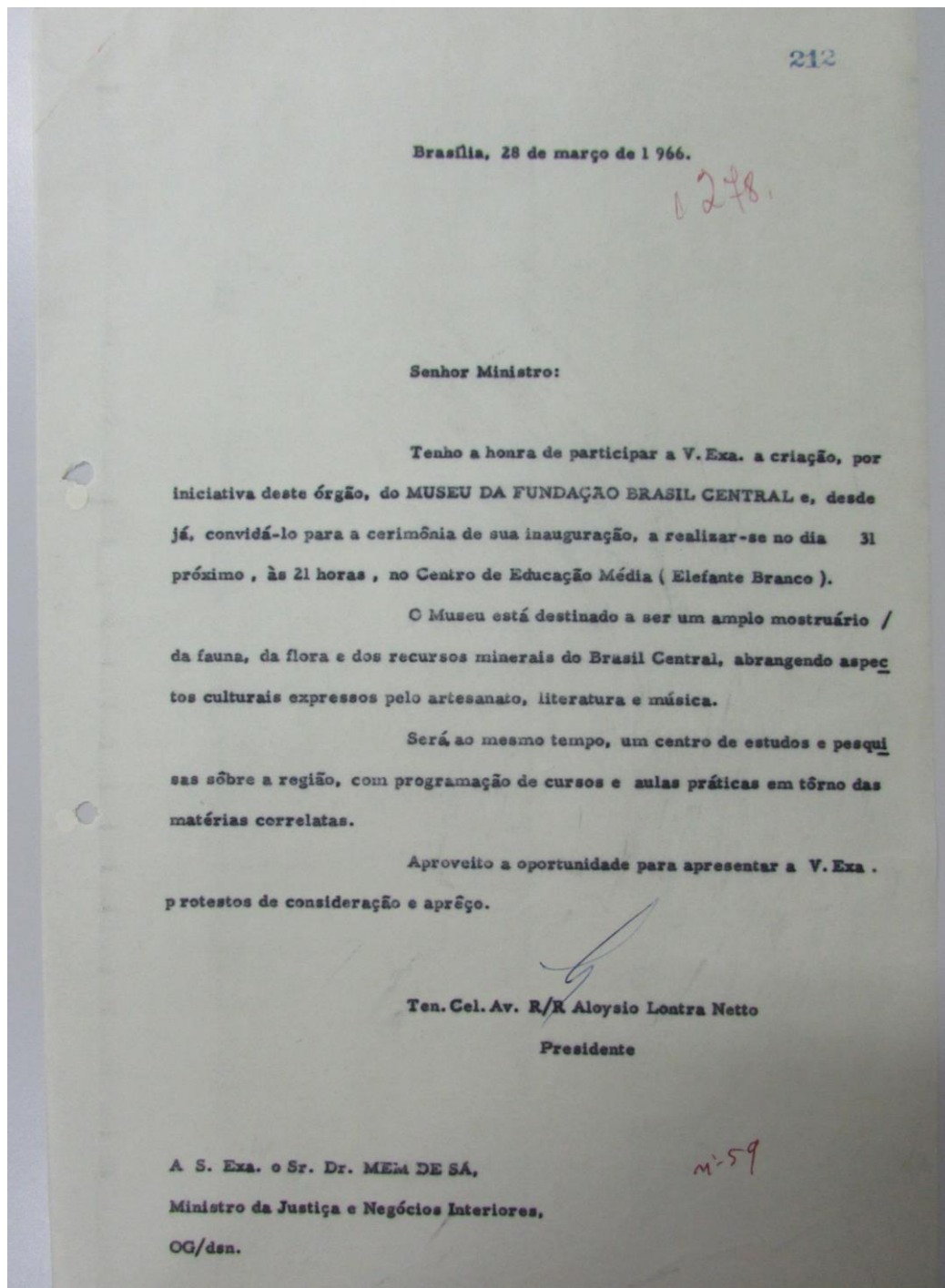
Horário do programa:

Toda quarta-feira, das 22,30 às 23hs.

na TV Nacional - Canal 3.

X-X-X-X

ANEXO F: Carta-Convite nº 59 enviada ao Ministro de Justiça e Negócios Interiores (ANB, FBC, Caixa 10, Museu, Carta nº 59, 28/03/1966).



ANEXO G: Matéria publicada na revista A Noite Ilustrada sobre a inauguração do Museu da FBC em Aragarças, em 1953 (ANB, FBC, Caixa 14, Helmut Sick, Matéria A Noite Ilustrada, 07/07/1953).

ESTA SUÇUARANA está assustada por devorar o porco-espinho, no alto do tronco. Colado do pobrezinho ao pé, a suçua não estivesse espantada.

ESTE CABOZÉ de aranha, continua uma família e está todo reunido perto do tronco alto. É uma das curiosidades do museu em formação no Brasil Central.

MOSTRUÁRIOS com aves e animais do Brasil Central. Vale a pena perder uma parte do nosso tempo apreciando-a.

IMPRESSONANTE reconstrução de uma anta sendo atacada por um tigre. Sob os garros ágiliss, escorre o sangue rubro da vítima.

OUTRO CANTO do museu, vanda-se, entre vários bichos, o tamandua-bandeira e os cachorros do mato. Há, também, pássaros de linda plumagem.

SERA' O MAIOR MUSEU DO BRASIL CENTRAL

O Museu de Aragarças e suas interessantes coleções — Aves e animais típicos da região — Instalado agora num hotel, terá mais tarde prédio próprio — Conjuntos que dão a impressão nitida da realidade

★
REPORTAGEM E FOTOS DE VALDO TORRES

Em Aragarças, base da Fiação Brasil Central, está instalado provisoriamente, no confortável e moderno hotel desta cidade, um curioso museu de arte da fauna da região, o qual terá, para o futuro, o seu prédio próprio.

A coleção de animais é a do "Instituto" galeno-matogrossense, recolhida pelo taxidermista J. H. H. H., foi reunida pelo naturalista H. Suk, com uma série de duzentas aves e várias dezenas de animais. Essa coleção, é clara, está em início, devendo ampliar-se, logo que se construir o prédio para o qual já está sendo feita a maior atropelada para a instalação e estudos que, freqüentemente, são a Aragarças.

Entre os representantes da fauna alada, vive-se além das mostradas, destacam-se os seguintes: grama de água, canário, marfim, amarelo, arapuca, verde, pinto, d'água, uruba, e outros.

curau, teneta pintada, gavião qui-qui-qui, mãe de lua, bunco de diversas espécies, jacuru, utrapuru (a ave que quando canta faz tódas as demais emudecerem, pela sua maravilhosa voz), alma de gato, sirriema, mutum, caburé de aranha, pavãozinho do Pará, pipopague, periquito, coruja, maracanã e inúmeras outras, aves de matu e aquáticas.

Entre os animais, figuram na coleção do museu: suçuarana (onça) pará, onça pintada, veado, matoeira e galheiro, macaco de várias espécies e tamanhos, tamandua-bandeira, porco-espinho, raposa (cachorro de mato), guará (leão) anta, coati, tatu, camaleão, maracajá, gambá, jaguatirica e muitos outros.


A maioria das aves está encaixada em mostruários de vidro. Uma grande onça pará, com os olhos voltados para um porco-espinho trapeado numa árvore, e outra onça (leão pintado) atacando uma anta, admiravelmente reconpostas, estão fora das vitrines, em estrado sobre o chão. Essas duas conjuntas, pela forma inteligente como foram fotografadas, dão aos visitantes uma idéia perfeita e impressionante, perfeita de realidade de vida.

O Museu de Aragarças, ora em início, será, futuramente, instalado em um prédio próprio e terá como sede planejada um dos maiores e

VISTA DO PATIO do Museu de Aragarças, instalado provisoriamente no Hotel da Fiação Brasil Central.

ANEXO G: Termo de Doação do acervo do Museu de Ciências naturais da FBC para a Fundação Zoobotânica do Distrito Federal em 1967, após o seu fechamento (ANB, FBC, Caixa 19, Doações, Termo de doação, 28/08/1967).

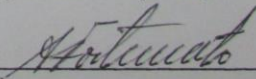
MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO BRASIL CENTRAL

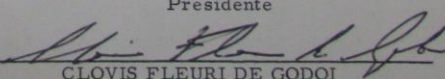


TÉRMO DE DOAÇÃO

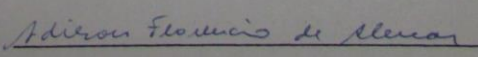
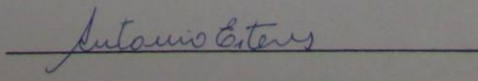
Instrumento particular de doação que entre se fazem a FUNDAÇÃO BRASIL CENTRAL e a FUNDAÇÃO - ZOOBOTÂNICA DO DISTRITO FEDERAL, como a - baixo se declara:

Aos vinte e oito (28) dias do mês de agosto do ano de mil novecentos e sessenta e sete (1967), na Sede da Fundação Brasil Central, na Esplanada dos Ministérios, bloco 11, 5º andar, compareceram partes entre si justas e acordadas, de um lado como doadora a FUNDAÇÃO BRASIL CENTRAL neste ato representada por seu Presidente Cel. R/1 - ALBERTO CARLOS COSTA FORTUNATO, brasileiro, casado, militar, residente e domiciliado nesta Capital e de outro a FUNDAÇÃO ZOOBOTÂNICA DO DISTRITO FEDERAL, representada por seu Diretor do Departamento Zoobotânico, Dr. CLOVIS FLEURI DE GODOI, brasileiro, casado, residente e domiciliado nesta Capital. Pela doadora, ante as testemunhas abaixo assinada, foi dito que nos termos da autorização prévia do Conselho Diretor, conforme deliberação tomada em sua 195a. sessão, de oito de agosto do corrente ano, doava, como de fato doado tem a donatária acima mencionada, o material / que constituiu o Museu da FUNDAÇÃO BRASIL CENTRAL, extinto pela Portaria nº 630/67, de 28/06/67, na conformidade da relação discriminatória, anexa, que fica fazendo parte integrante deste termo de doação. Pela donatária, FUNDAÇÃO ZOOBOTÂNICA DO DISTRITO FEDERAL, ante as testemunhas, foi declarado que aceitava esta doação como nela se contém e declara, passando, doravante, referido material a integrar o seu Patrimônio. Por se acharem reciprocamente de acordo, assinam as partes, com as testemunhas abaixo.


ALBERTO CARLOS COSTA FORTUNATO
Presidente


CLOVIS FLEURI DE GODOI
Diretor do Departamento Zoobotânico

TESTEMUNHAS:

Modelo 12 - 2.000

DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE

Eu, Ana Caroline Rodrigues de Sousa, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado “Sertão, Natureza e Cultura: O Museu de Ciências Naturais da Fundação Brasil Central – Brasília, 1966-1967” foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho é inédito e que nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico, nem foi publicado integralmente em qualquer idioma ou formato. Brasília, 10 de Julho de 2019.

Ana Caroline Rodrigues de Sousa